

ANTOLOGIA DE **NARRATIVAS BREVES 3**

Faculdades Integradas Rio Branco · 2019

Organizadores

Prof^ª Noemia Davidovich Fryszman

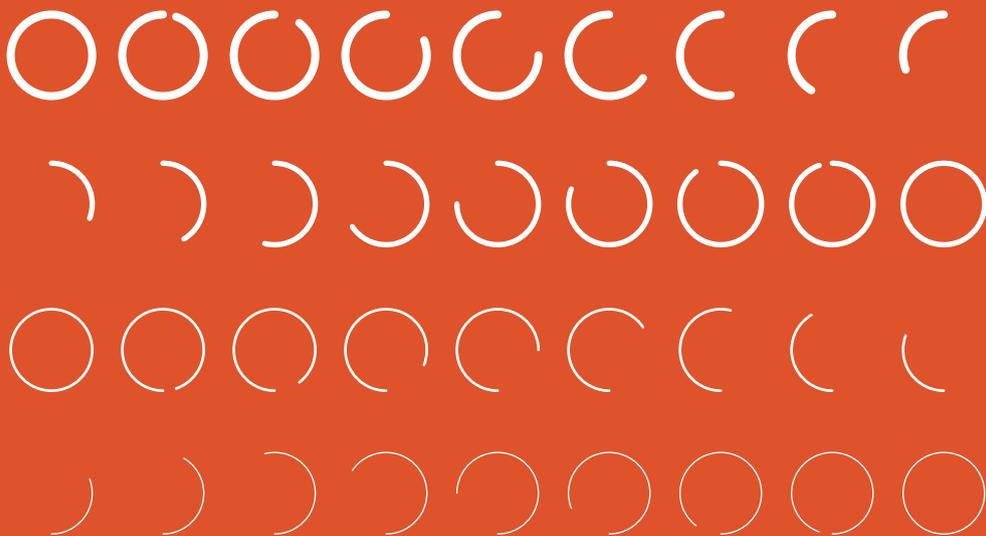
Prof^ª Dra Patrícia Ceolin do Nascimento

Prof^ª Dra. Virginia Maria Antunes de Jesus

Prof^ª Dra. Patrícia Rangel Moreira Bezerra

Prof. Me. Paulo Carlos Pires da Costa Durão

Prof^ª Dra. Renata Carraro



Presidente da Fundação de Rotarianos de São Paulo
Nahid Chicani

Chanceler
Eduardo de Barros Pimentel

Diretor Geral
Prof^o Dr. Edman Altheman

Coordenador de Extensão
Prof^o Dr. Lauro Ishikawa

Coordenadora do Curso de Jornalismo e Relações Públicas
Prof^a Dra. Patrícia Rangel Moreira Bezerra

Coordenador dos Cursos de Comunicação Social,
Publicidade e Propaganda, Editoração e Design
Prof^o Me. Paulo Carlos Pires da Costa Durão

Coordenação da Agência de Comunicação
Prof^a Dra. Patrícia Rangel Moreira Bezerra
Prof^o Me. Paulo Carlos Pires da Costa Durão

Projeto Gráfico
Profa. Dra. Iara Pierro de Camargo

ANTOLOGIA DE **NARRATIVAS BREVES 3**

Faculdades Integradas Rio Branco · 2019



Coordenação

Prof^o. Paulo Carlos Pires da Costa Durão
Prof^a Noemia Davidovich Fryszman

Organizadores

Prof^a Dra Patrícia Ceolin do Nascimento
Prof^a Dra. Renata Carraro
Prof^a Dra. Virginia Maria Antunes de Jesus

Coordenação Gráfica:

Prof. Me. Paulo Carlos Pires da Costa Durão

Colaboração:

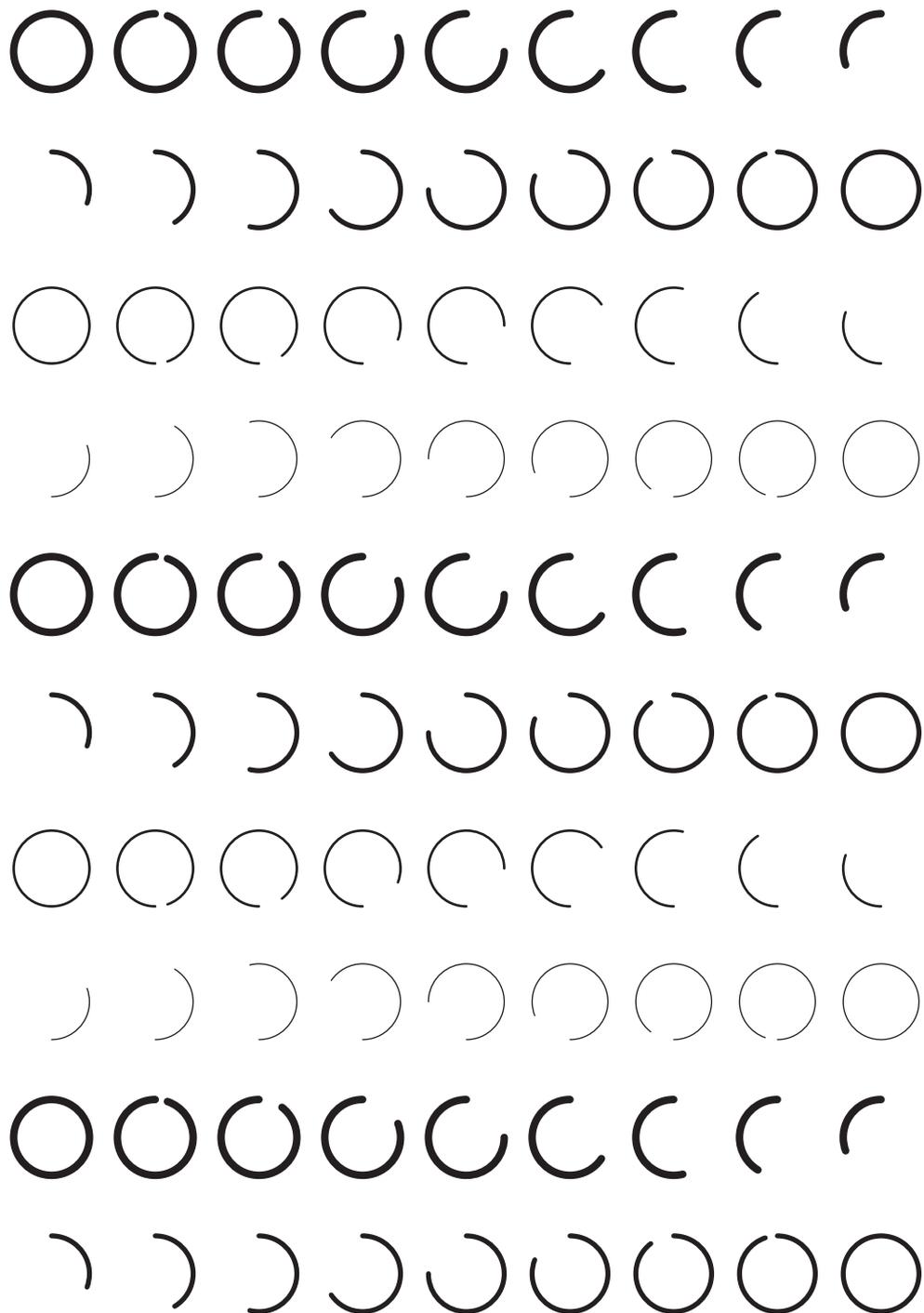
Prof. Me. Roberto Balduzzi

Revisão

Profa. Dra. Virginia Maria Antunes de Jesus

Autores

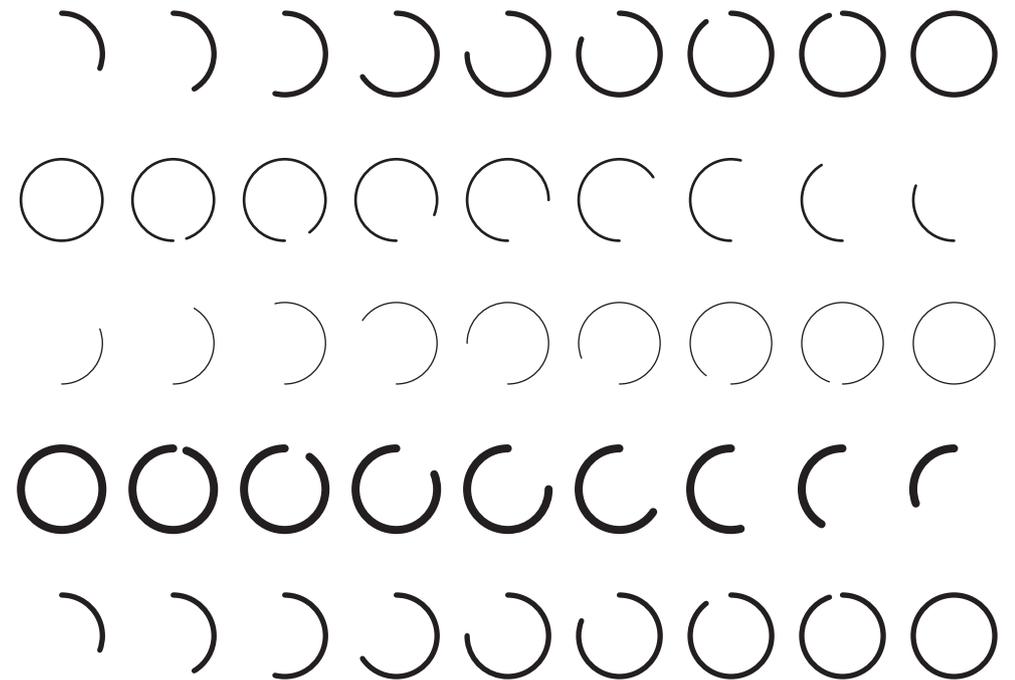
Ana Beatriz Felício
Bárbara Oliveira Peres
Beatriz Helena Ribeiro Lopes
Caroline Fernandes Santos
Daniel Carreiro Z. da Costa
Deise Luci Souto Dantas
Efraim Elias Gomes de Moraes
José Celso da Silva Filho
Juliana Gonçalves de Sousa Santos
Kaíque Bazante Gonçalves
Mariana Pereira da Costa Benossi
Mireia Lima
Pedro Henrique Paulino dos Santos
Rafael Kosoniscs
Regiane Pavanello
Vitalina Câmara



SUMÁRIO

- 09 **Apresentação**
- 13 **Espera** *Ana Beatriz Felício*
- 17 **Trilhos Utópicos** *José Celso da Silva Filho*
- 23 **Querido Murphy Beatriz** *Helena Ribeiro Lopez*
- 31 **O Pipoqueiro Fantasma** *Daniel Carreiro Z. da Costa*
- 33 **Amigos** *Mariana Pereira da Costa Benossi*
- 39 **Colcha de Retalhos** *Pedro Henrique Paulino dos Santos*
- 43 **Memórias homeopáticas** *Regiane Pavanello*
- 47 **A barbárie na era touch** *Rafael Kosoniscs*
- 51 **Um quadro de família** *Vitalina Câmara*
- 53 **Vestígios de amor** *Kaique Bazante Gonçalves*
- 55 **Uma por todas e todas por uma** *Caroline Fernandes Santos*
- 59 **Uniformes invisíveis** *Deise Luci Souto Dantas*
- 61 **Chico** *Bárbara Oliveira Peres*
- 65 **A faixa amarela** *Mireia Lima*
- 69 **Quem sou eu?** *Juliana Gonçalves de Sousa Santos*
- 73 **Para Carlos** *Ana Beatriz Felício*
- 77 **Invernício** *Daniel Carreiro Z. da Costa*
- 81 **Mundo Saturado** *Efraim Elias Gomes de Moraes*
- 83 **Filhos da Perdição** *José Celso da Silva Filho*

APRESENTAÇÃO



É com imensa satisfação, que apresentamos o 3º número de **Narrativas Breves**, um dos frutos do **Projeto Legado**, idealizado pelo prof. Edman Altheman em janeiro de 2012, projeto esse, nascido para que professores deixassem registrado como gostariam de ser lembrados pelos alunos. Fui convidada a participar do programa e juntamente com uma equipe de professores delineamos um plano a ser cumprido, apresentando em primeiro lugar a elaboração de um mural, “carômetro,” com a foto dos professores respondendo à seguinte pergunta “como você gostaria de ser lembrado”? A partir deste número, selecionaremos a resposta de dois professores à pergunta proposta.

Professor Antônio Carlos Malheiros: *“quero ser lembrado por acreditar que só o Direito não basta. É preciso pelo menos tentar mostrar que o que vale é a realização da justiça, que acontece quando se tem bom senso, ética, equilíbrio e vontade de fazer o bem”*

Professora Virginia Maria Antunes de Jesus: *“gostaria de ser lembrada como a professora que ensinou seus alunos a ler, interpretar e representar o mundo com o coração e com a mente”.*

Ainda como marco inicial, seguiu-se a cerimônia do plantio do **Jardim do Legado** em frente à lateral da nossa biblioteca. Desde então, nossa missão tem sido desenvolver atividades que acrescentem conteúdo e originalidade a qualquer opção profissional escolhida pelo aluno dentro do nosso amplo leque de cursos oferecidos. Contamos com atividades de interação entre professores e alunos como o **Inter Pares**, partindo para a sua 17ª edição, que consiste na apresentação de um filme, seguido de debates entre professores e alunos das diversas unidades. Foi criada, na sequência, a **Mostra de Artes** coordenada pelo prof. Paulo Durão, onde os alunos têm oportunidade de exibir suas criações artísticas (indo para sua 4ª edição). Um grande passo à frente foi dado com a criação do **Grupo de Teatro das Faculdades Rio Branco**, iniciativa do

prof. Paulo Sérgio Feuz,, já na sua quarta apresentação, inaugurando a Semana Jurídica.

O projeto Legado continua gerando novos frutos que florescem e são tantos que se torna difícil enumerá-los e muitos tornaram-se tradição como a **Festa caipira**, o **Rock in Rio Branco**, os encontros com ex-alunos e muitos mais. As publicações como **“Letríssimas”** (indo para a 3ª edição) onde professores exercem sua criatividade literária e artística, o projeto **“Genoma: raça humana é uma só”**, seguido de uma publicação (indo para a 2ª edição), são botões valiosos e fecundos, prosperando em dádivas éticas e culturais, constituídas do saber e espírito humanístico dos mestres. **“Narrativas Breves”** é o exemplo que não só os professores querem deixar seu legado, mas também os alunos, ao encampar o projeto, estão deixando suas contribuições, constituindo prova viva do legado recebido dos seus mestres, empenhados em cultivar e aperfeiçoar as potencialidades discentes.

“Narrativas Breves III” está aqui para que possamos compartilhar com os alunos escritores suas criações.

A todos, boa leitura.

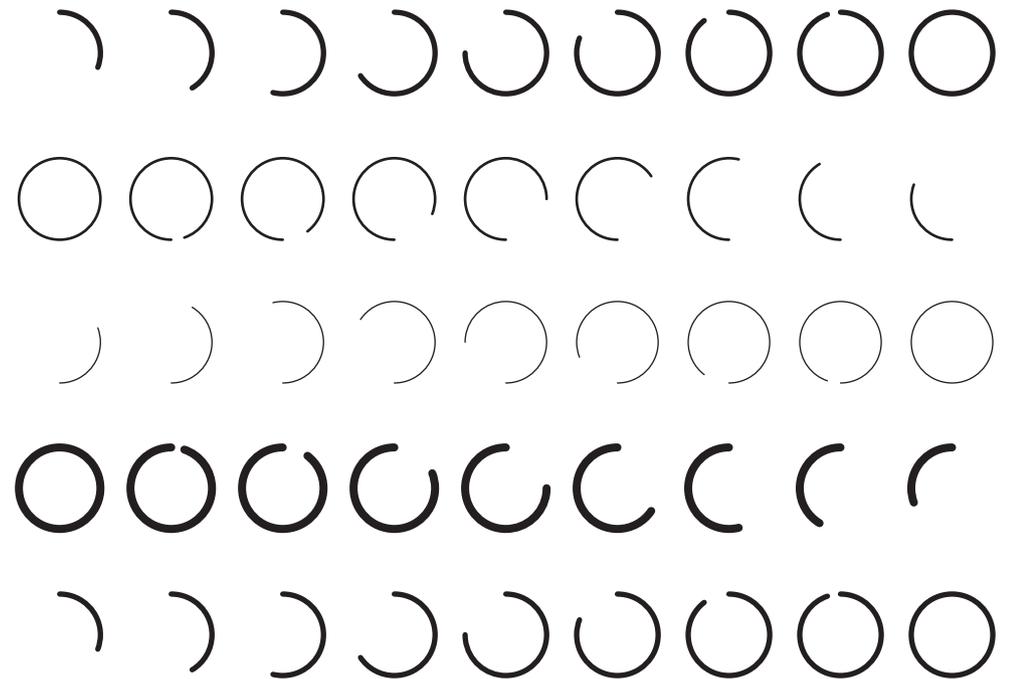
Coordenadora

Profa. Dra. Noemia Davidovich Fryszman

Doutora em Artes pela ECA-USP-Universidade de São Paulo

ESPERA

ANA BEATRIZ FELÍCIO



Eu escrevo cartas, poemas e textos que ninguém nunca vai ler para ver se expurgo esses demônios que, vez ou outra, fazem morada no buraco do meu peito.

A noite em que você voltou não teve nada de especial. Esperei tanto por isso que imaginava que sinos das catedrais soariam, tal qual naquela canção que havia me mostrado na viola anos atrás.

Mas estava com meu vestido florido, deitada na rede, com a porta aberta por causa do calor. Você entrou sem fazer barulho, com o velho chapéu de palha, a mala nas mãos e novas rugas no rosto. Meu coração pareceu trem velho quando dá partida.

— Voltei mulher — sua voz era a mesma — me passa um café? Meus olhos encheram-se de lágrimas e não tive reação.

Nos últimos três meses não houve uma noite sequer em que não sonhei com o teu retorno. Era setembro quando saiu pela porta e disse que não te esperasse para o jantar. Que você agora iria ganhar o mundo e que eu não cabia nas suas conquistas.

No começo, chorei todos os dias e rezei pro anjo da guarda te proteger e te trazer pra mim. Fiz novena, fui à igreja, mas não adiantava.

— Ficou surda Maria! Já pedi café! — sua voz me trouxe de volta. Levantei enxugando as lágrimas e tirei o coador de pano da gaveta.

— Cadê o Teteu? — você perguntou.

— Teteu morreu de saudade de ti, coitado.

— Saudade de mim? Onde já se viu cachorro morrer de saudade? Se morre é de fome. Do jeito que você anda lesada, tu que deve ter esquecido de colocar comida pro bicho.

Ninguém morre de saudade? Ninguém morre de saudade?! Pensei comigo mesma que só nesses três meses já tinha morrido e voltado algumas centenas de vezes! Como você me diz que ninguém morre de saudade quando tudo que eu fiz foi te esperar?

Coloquei seu café na mesa, sem açúcar e bem forte.

— Do jeito que você gosta — me sentei na sua frente. Era a primeira vez que te olhava desde que voltou e não era tão bom quanto nos sonhos — Por onde esteve André?

— Por aí... na cidade. Mas aquilo não é vida pra gente como eu não.

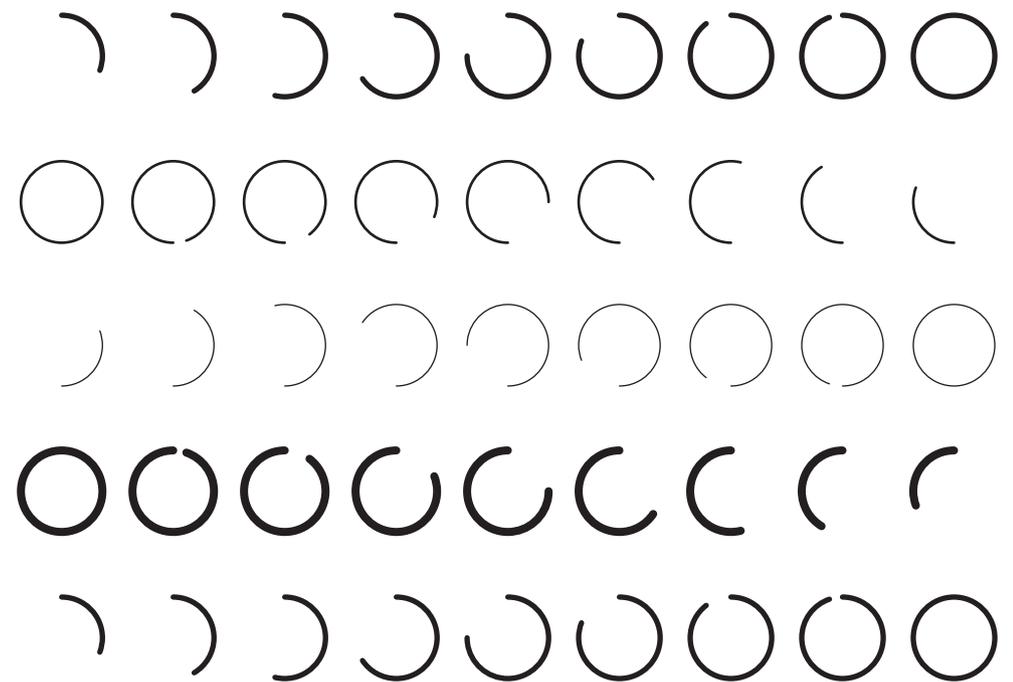
Você engoliu todo café num gole e se levantou. Entrou no quarto e gritou:

— Vem.

E eu? Eu fui. Era só o que podia fazer. Era só o que sabia fazer.

TRILHOS **UTÓPICOS**

JOSÉ CELSO DA SILVA FILHO



O sol raiava triste no lado leste da França, ao invés do som de pássaros, em todas as casas podia-se ouvir o som da angústia vindo das famílias francesas que temiam pelo início da segunda guerra mundial. Mas em uma das casas podia-se ouvir o som suave e belo de uma flauta que, todas as manhãs, era tocada por uma linda menina de uma ternura impar, que costumava acordar seus pais e seu irmão mais velho ao som de música. Seu nome era Josephine, sua inocência e sua imensa ternura para um criança de cinco anos era o que fazia daquela família uma das mais prósperas da região, eles moravam próximos a uma antiga estação de trem que era a principal do país, seu pai trabalhava naquela estação e todos os dias a levava para ver o grande trem de ferro que passava sempre no mesmo horário, transportando os soldados franceses para o campo de batalha, Josephine não sabia quem estava lá, apenas se contentava em ouvir o som das rodas do trem passando pelos trilhos e poder observar o olhar fixo do seu pai em cuidar para que nada atrapalhasse o caminho do trem, ela não sabia exatamente de onde vinha e para onde iria aquele trem, gostava apenas de saber que ele estava passando por onde ela morava, acreditava que ele estava em busca de um lugar onde poderia se achar confortável, um lugar melhor para descansar suas pesadas rodas de ferro.

A mãe de Josephine, todas as noites antes de dormir, contava para ela e para seu irmão mais velho a história da volta ao mundo em um trem mágico, o que fascinava principalmente seu irmão que tinha o desejo de se tornar um maquinista, tendo grande influência da importância dos trens para a família, pois era deles que vinha o sustento para sobreviverem. Por um momento seus pais podiam até se esquecer do terrível pânico que tomava conta do restante do mundo - a guerra havia começado. Josephine e seu irmão não percebiam nada do que estava acontecendo, ela apenas começou a sentir falta das idas a estação de trem com seu pai e de achar

estranho ninguém sair de casa, mantendo tudo bem fechado, segundo seus pais, era para que eles não vissem a surpresa que estava sendo feita na estação de trem, com isso Josephine e seu irmão ficavam todos os dias imaginando o que estava sendo preparado lá.

Mais uma noite seguia, sua mãe contando mais uma vez a história, seu irmão adormecendo mesmo antes do final e dessa vez, seu pai já estava na porta de seu quarto e ao término da história, logo após levar o irmão mais velho para o quarto dele, como fazia todas as noites, retornou ao quarto de Josephine e se aproximando de sua cama, lhe deu um beijo de boa noite e sussurrou em seu ouvido dizendo a ela que dormisse bem e que sonhasse com um mundo melhor.

A noite seguiu e o dia amanheceu, mas dessa vez mais triste que o normal, Josephine percebeu que sua flauta estava caída no chão, e ao tentar tocar, apenas poeira saía dela, assustada saiu de seu quarto para junto de seus pais, ao sair pelo corredor, percebeu que algumas paredes estavam caídas com alguns raios de sol que entravam na casa, mostrando assim buracos no teto, e todos os móveis estavam caídos, ao entrar no quarto de seus pais viu uma bola cinza encima da cama deles e uma tinta vermelha cobrindo todo o quarto, não sabia o que era, chamava por seus pais, mas eles não respondiam, decidiu então descer para ver seu irmão mais velho, chegando ao quarto dele, após descer com dificuldade a escada que ainda restara, ela mal conseguiu entrar no quarto, pois estava cheio de escombros, tentou chamar pelo seu irmão, mas imediatamente percebeu que ele ainda estava dormindo, também coberto por uma tinta vermelha, logo um sentimento de dúvida tomou conta de sua mente, ela não sabia o que fazer, apenas pode avistar a porta de sua casa aberta, e ao ver essa cena o que não presenciava há dias devido à surpresa na estação, pegou uma mala que encontrou jogada na escada e voltou ao seu quarto, colocou dentro da mala

alguns brinquedos e com dificuldade saiu da casa destruída, ela sabia exatamente o caminho que deveria fazer, o único lugar que naquele momento pensou em ir foi para a estação de trem, desolada e assustada em ver no caminho parte das casas destruídas e algumas pessoas chorando sentadas nas calçadas cinzentas e frias, chegando à estação viu muitas pessoas aos gritos e também pode avistar de longe se aproximando cada vez mais, um trem maior e mais forte do que estava acostumada em ver, conforme o trem foi se aproximando inexplicavelmente uma lágrima começou a escorrer de seu rosto, no seu lado direito pode ver que estava em pé um homem alto e sério, usando uma roupa parecida com a que seu pai costumava usar, ao se aproximar dele, puxou seu terno pela ponta, imediatamente o homem se abaixou e seu olhar de seriedade se tornou em um olhar de consolo e compaixão, Josephine com lágrimas nos olhos avistou mais uma vez o trem que se aproximara e limpando a garganta disse ao homem com uma voz tremula a seguinte frase:

— Com licença, meu senhor, o senhor sabe qual trem que vai para um mundo melhor?

Nessa frase notamos claramente a utopia de um mundo melhor na imaginação de uma criança pura, em meio a tanta destruição e catástrofes, a esperança de viver e encontrar um mundo melhor, onde ninguém mata para matar a fome, onde todos possam viver em paz. A utopia de uma criança inalcançável na mente dos adultos.

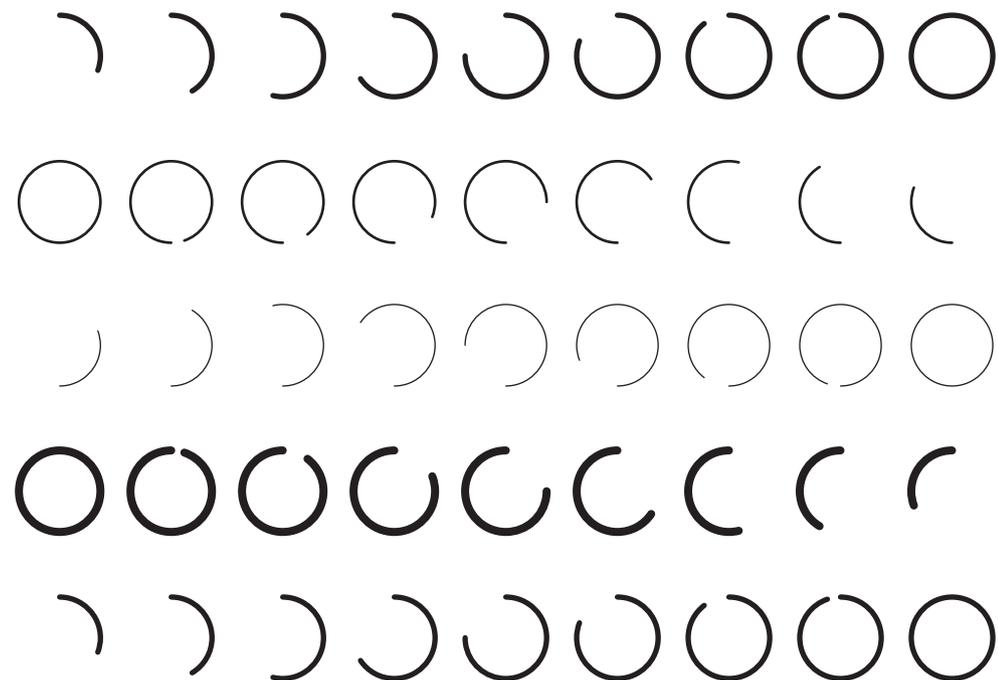


Fonte: www.pinterest.es/pin/419749627749654630/

QUERIDO **MURPHY**

UM CONTO EM QUATRO XÍCARAS DE CAFÉ

BEATRIZ HELENA RIBEIRO LOPEZ



A silhueta feminina repousava, mansamente aconchegada nos lençóis já um tanto puídos. A bochecha esquerda afundara parcialmente no travesseiro e a garota sonhava com flores quando o alarme do despertador fez-se ouvir abruptamente pela primeira vez.

De um só rompante, olhos – antes tão serenos — arregalaram-se. Nada de rosas e crisântemos desabrochando sob o orvalho da primavera. Não. Só a dura realidade de uma segunda-feira fria em um apartamento do subúrbio, sem aquecedor.

A mulher levantou-se sem mais delongas, embora lhe faltasse certo ânimo para executar a rotina de seus movimentos. Almejava por um banho quente, capaz de relaxar-lhe os músculos tensionados por ter dormido no duro colchão. Despiu-se sem nem ao menos fechar a porta, mas também, não havia razão para certos pudores, posto que vivia só.

Colocou-se hesitantemente abaixo do chuveiro. Era possível notar um trecho deste coberto por fita isolante, pequeno, mas visível o suficiente para lembrá-la de que o aparelho não estava funcionando perfeitamente. Esquecera na véspera de pedir ao síndico uma ajuda para consertá-lo e, agora, nem sequer sabia se o mesmo seria capaz de ligar sem algum choque ou estrondo.

Tenho de arriscar de uma vez – foi o pensamento que formulou no átimo de segundo anterior a girar todo o registro num único movimento. Seu corpo retesou-se em expectativa nos poucos momentos suspensos antes que o fluxo de líquido transparente lhe tocasse a pele. Havia, sim, água escorrendo-lhe pelos cabelos e por sob os ombros até desaparecer pelo ralo, mas era água gelada.

Mas que maravilha! Era só o que me faltava! – replicou mentalmente enquanto desligava a ducha — *Bem sabia que não se deve esperar por nada de bom deste tal destino...*

A prudente voz da razão resolveu manifestar-se entre o replicar dos saltos altos, enquanto a mulher se dirigia para calçada esperar um táxi. *O melhor é conformar-se e seguir adiante.* O caminho nem

pôde ser percebido e a corrida foi paga maquinalmente, enquanto a passageira desembarcava em frente à costureira padaria.

O estabelecimento era pequeno, com poucas mesas alinhadas no estreito corredor da direita, todas ocupadas, enquanto que no lado oposto, exatamente para onde se encaminhava, era possível sentar-se de frente ao balcão para aguardar o atendimento de seu pedido.

— Mas que droga. — murmura baixo enquanto, sem alternativa, entra na fila com mais de onze pessoas a sua frente.

Depois de longos minutos, lembra-se de olhar o relógio e percebe que falta pouquíssimo para que a espera a faça chegar no limite do horário em seu trabalho. *Uma eternidade por uma simples bebida quente!* É a reclamação presente em seus pensamentos enquanto tenta, desajeitada, abrir o guarda-chuva na saída do estabelecimento.

Foi necessário certo esforço para conseguir que a sombrinha, enfim, fosse aberta, especialmente com uma de suas mãos ocupada com o copo de isopor. Entre uma tentativa e outra, um dos arames rompeu-se, fazendo com ficasse apenas parcialmente protegida da umidade. Corre pra pegar o táxi e, tão logo chega à empresa, livra-se do inútil guarda-chuva, jogando-o no lixo da recepção.

Sobe para o décimo quinto andar, onde fica sua mesa de trabalho, senta-se e abre a bolsa distraidamente, buscando pelo pequeno pacote de açúcar que pegara rapidamente no balcão. Despeja o conteúdo sob o líquido preto, mexe-o cuidadosamente e dá um grande gole. É tarde demais quando percebe que o conteúdo não era açúcar e sim, sal.

Cospe o líquido e, desgostosa, entorna o restante na pia do banheiro. Um sentimento ruim a consome, como se nada na sua vida fosse capaz de dar certo. Naquele dia, mal tirou os olhos do pequeno computador em sua bancada e nenhum de seus colegas de trabalho fez menção de chegar perto dela.

Voltou pra casa exausta e realmente triste. Deixou seu corpo pender sobre a cama, logo adormecendo, mas seus sonhos foram vazios, assim como a sua vida.

Não é como se levantar fosse tarefa fácil. É algo que exige certo preparo emocional, acontecendo gradativamente para que não haja sobressaltos. Não é saudável acordar do nada, sem mais, nem menos, afirmam os entusiastas de um estilo de vida equilibrado. Acontece que é difícil concentrar-se em um despertar calmo quando há um som estridente repetindo incessantemente em seus ouvidos.

Quando atinou para o fato de o barulho pertencer ao seu alarme, já estava muito atrasada. Empurrou cobertas e travesseiro de qualquer jeito, descartando a possibilidade de arrumar a cama. Vestiu a primeira roupa social que encontrou e buscava o segundo pé do sapato quando bateu o dedinho na quina do armário. A dor foi tanta que precisou sentar-se por um momento. Os xingamentos permaneceram entalados na garganta, pois ela não se permitiu proferi-los. Pegou rapidamente o que faltava e saiu à procura do táxi que antes lhe aparecesse. *Hoje o dia promete.*

A moça de cabelos acobreados rezava silenciosamente para que o motorista de meia-idade que a guiava soubesse evitar o tráfego matinal. Como um singelo presente dos céus, o carro ziguezagueava vagarosamente pelas ruas, mas sem efetivamente parar nenhuma vez.

Ao checar o relógio de pulso, percebeu que a descida na padaria não poderia lhe custar mais do que poucos minutos, caso contrário, o atraso no serviço seria inaceitável.

Seu alívio foi imenso ao avistar o atendente enfadado no caixa vazio. Só duas mesas estavam ocupadas. Um casal dividia o que aparentava ser um *frappuccino* a julgar pela xícara alongada com chantilly no topo, e um homem de terno cinza bebericava de seu expresso enquanto lia o periódico do dia. *Às vezes a vida oferece compensações.*

Fez seu pedido sem precisar olhar o cardápio. Segurava a pasta com documentos do escritório em uma das mãos, enquanto a outra se dividia entre o troco e o café recém-recebido. Pela vitrine via-se que o tempo lá fora começava a fechar. Empurrando a porta de vidro com o ombro, ela sentiu alguns pingos da garoa fina que se precipitava por aquela região da cidade.

Mal dera dois passos em direção ao veículo amarelo que a aguardava, quando uma rajada de vento arremeteu-lhe e o troco desprendeceu-se de seus dedos, planou no ar por um instante e saiu voando. Seus olhos castanhos observaram a nota rodopiar uma vez mais, até perder-se numa das ramificações daquela avenida.

Retiro o que disse; se a vida dá de um lado, tira do outro...

Esbaforida pela pressa, sentou-se ruidosamente em sua cadeira no cubículo em que trabalhava. Buscou pelo horário e calculou que já se passaram doze minutos da hora na qual deveria ter chegado. Seu supervisor surgiu e estacou ali, parado à sua frente, vestindo muito mais a carranca que lhe estampava a face do que a camisa branca que lhe cobria o torço.

— Mais um atraso desses e você sabe que terá problemas.

Virou-se e partiu assim como chegou: sem sinal de cumprimentos ou despedidas. Gentileza parca, humanidade fria. Mais um autômato executando funções maquinalmente.

A empregada corporativa ligou o computador sentindo no estômago o embrulho da preocupação. Tomou um gole do café e o amargo inundou-lhe a boca. Suspirou somente, ombros caídos conforme os momentos transcorriam e executava os relatórios a ela confiados.

Após deitar-se em casa naquela noite, uma parte sua indagava-se por que preferira tomar o café sem açúcar e a resposta logo lhe ocorreu. *A falta do doce já não incomoda quando o sabor é o mesmo dessa realidade insossa.* Sem mais delongas, adormeceu.

A jovem acorda na manhã seguinte com o mau humor que, gradativamente, se tornava costumeiro. Parecia querer antecipar uma possível (e desagradável) surpresa que o dia lhe reservasse, já tomando-a como certa. Levanta-se, então, com precauções para que não esbarre ao pé da cama, escapando, assim, do primeiro transtorno que lhe podia ocorrer.

O pesado casaco de lã que veste não impede sua pele de permanecer gelada, muito mais uma barreira contra o contato do mundo do que a temperatura propriamente dita. A tempestade cai torrencialmente, como se não chovesse há décadas, e tudo que é capaz de enxergar são os desenhos formados pela água no vidro traseiro do táxi.

O trânsito era quilométrico. Nos arredores da panificadora, já não se podia estacionar e dois carros disputavam a única vaga próxima disponível.

— Pode seguir direto para o escritório, por favor... — sua voz quase um sussurro, tal qual a profusão de exclamações ranzinzas ecoando em seu ser. O homem assentiu, desviando caminho e seguindo para a pista da esquerda.

No trabalho, já enviara um e-mail quando recordou-se da máquina de café próxima da recepção do andar. Foi até lá e arriscou pegar um copo para si, o que logo se provou uma má ideia. A mistura com pó solúvel de má qualidade parecia conter ainda mais água do que seus sapatos encharcados pela chuva. *Oh, querido Murphy...*

Após a longa e cansativa jornada, voltou para casa sentindo-se exausta. Olhou-se de relance no espelho do quarto, percebendo o quanto as olheiras destacavam-se no rosto pálido. Não ligou a televisão, não checkou as mensagens. A única coisa que desejava era dormir e, quem sabe, esquecer...

O corpo da jovem jazia estirado por sob o colchão, porém o abrir dos olhos foi, desta vez, mais suave, e nem uma única nota de sua respiração se alterou. Despertara sozinha e até um pouco antes do horá-

rio previsto, era menos relógio que lhe chamava, e sim, a própria vida.

Seus passos, ainda ligeiramente trôpegos, levaram-na até a janela e o céu, ainda grisalho, tingia-se, pouco a pouco, com o suave dourado do sol. O pessimismo tentava encontrar qualquer peça mal encaixada que fosse neste quebra-cabeça promissor, mas a esperança lhe venceu e, deslumbrada, uma só palavra reverberou em seu espírito: *Fé*.

Foi com esse novo sentimento aquecendo timidamente seu peito que se vestiu. Também com ele arrumou a cama e fechou as portas da casa. Sua companhia foi constante enquanto via comércios abrindo e gente andando pelas ruas. A janela traseira do conhecido carro assumia o papel de tela e aquele filme lhe soava inédito e instigante.

A curta caminhada que precedia a porta de entrada da velha padaria foi feita com passadas de estreia. O cheiro de grãos de café torrados lhe inebriava. Decidiu não ter pressa, sorvendo delicadamente sua bebida favorita naquele ambiente que se revelava tão agradável e constatando, afinal, nada faltar. Doce na medida certa.

O assento a seu lado é, então, ocupado por um homem pouco mais velho que ela, trajando um casaco de tweed esverdeado, o qual faz um sinal discreto para o barista, voltando rapidamente sua atenção para o jornal em suas mãos. A absorta leitura é interrompida por um momento. O rapaz repousa o folhetim no tampo de mármore e vira-se em direção à garota. Sorrindo-lhe, diz-lhe simplesmente:

— Bom dia.

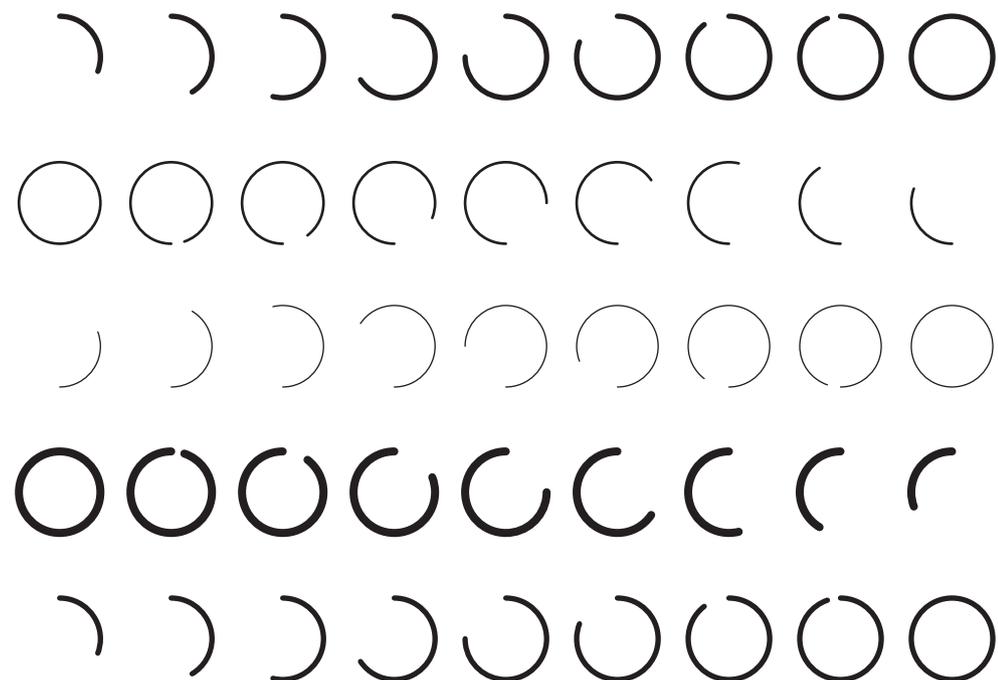
Já se levantando do assento, ela sorri também, desviando o olhar em seguida, e então para.

Irrompe para calçada, anestesiada. No táxi, aponta debilmente o cruzamento, pois é incapaz de falar. Retorna para casa, não indo direto para o trabalho. Abre as portas de uma vez. Entra. Olha piso e paredes, tudo a seu redor, como se só agora se desse conta da própria existência.

Não escuta mais nenhuma voz em sua cabeça e, apesar disso, não se sente mais sozinha.

O PIPOQUEIRO **FANTASMA**

DANIEL CARREIRO Z. DA COSTA



O Pipoqueiro Fantasma

— 150 reais! É minha última oferta! — disse o velho.

— Fechado, pode ficar com esse lixo! — respondeu o outro.

Estava enferrujado e mal acabado, mas ele aceitou. O velho sem nome carregou o carrinho de pipocas. Em sua casa contou moedas (salvas no tempo). Comprou milho para viver seu sonho (um interior de cidadezinha onde alegria um dia foi circo e pipoca).

Dia. Noite. Dia novamente. Igreja de Nossa Senhora. Igreja da Congregação. Igreja de Jesus do último dia. Terreiro de Pai Damião. Culto dos irmãos de Kardeck.

O velho carregava seu carrinho (o carrinho carregava o velho). Andanças. Trabalho.

Santa Casa. Diagnóstico de câncer (maligno). Uma surpresa de Natal (antecipada). Os vagalumes da árvore de plástico verde piscavam como olhos em adeus. Jesus na manjedoura tinha presentes dos reis magos (o velho também).

- Há de se pensar positivo! – repetia o velho a si mesmo afogado em lágrimas (ele não sabia nadar).

E mais andanças. E mais igrejas e cultos e terreiros, ao encontro de Deus. Chuva e pipoca cor de sangue para adoçar a vida amarga.

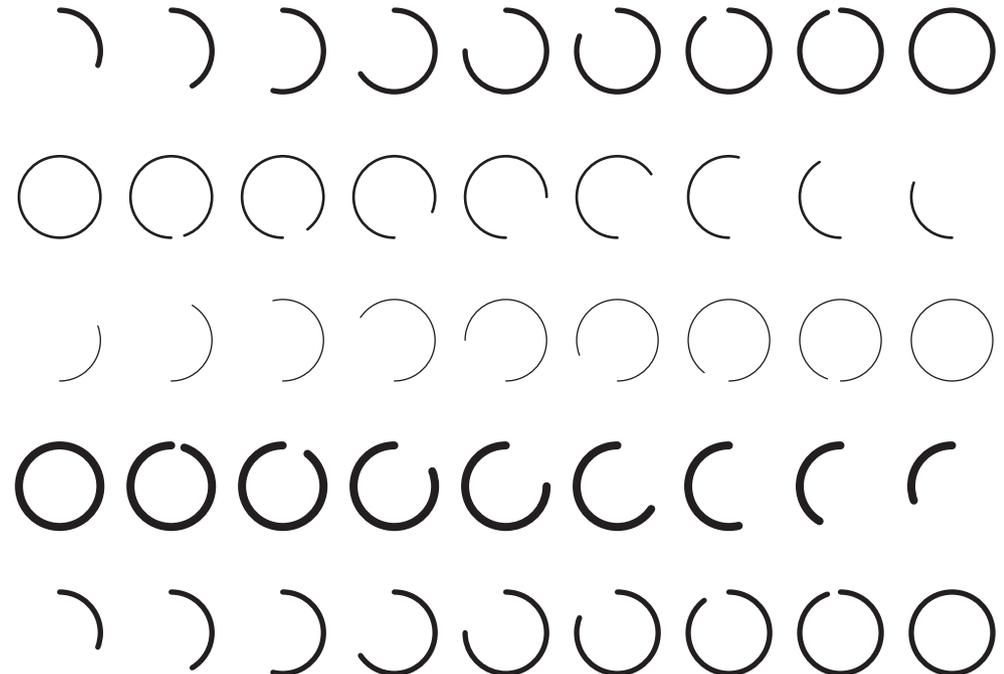
Milho estourado em pipoca (sem sal, sem sabor). Vultos de fumaça cinza. Vida queimada em panela de latão (num susto).

Uma, duas, três semanas. Os vizinhos do velho estranharam. Cadê o velho com perfume de pipoca? Cadê aquela andança toda com o carrinho enferrujado? Cadê aquele homem que ninguém sabia o nome?

O velho insistia em suas andanças.

AMIGOS

MARIANA PEREIRA DA COSTA BENOSSI



Estava próximo do momento do amanhecer, quando os primeiros raios de sol começavam preguiçosamente a adentrar entre os túmulos do Cemitério da Consolação, avisando que estava na hora de seus moradores irem dormir, naquela quarta-feira quente de maio. Muitos caminhavam de volta aos túmulos e alguns ainda esperavam para ver o amanhecer completo.

Sentado num dos degraus de mármore do lado oeste da capela, o escritor Mário de Andrade contemplava de forma apaixonada aquele momento do nascer do sol.

Mesmo que já tenha visto aquele momento várias vezes, porém cada vez que parava e observava com calma, aquele instante se tornava único.

— Bom dia, meu jovem! Cumprimentou animadamente Domitila de Castro, a Marquesa de Santos, que passava farfalhando as longas saias de seu vestido preto em direção a sua morada na rua 1. Mário cumprimentou-a de volta e continuou a observar, quando começou a escutar os primeiros barulhos dos carros que passavam na rua de mesmo nome do cemitério, quando seus pensamentos foram interrompidos por uma antiga briga de casal.

— Mas... Tarsila! —Dizia o escritor Oswald de Andrade, enquanto seguia a artista plástica Tarsila do Amaral, dando a volta da capela e chegando perto de Mário. — Faz mais de oitenta e sete anos que me casei com a Patrícia e mais de oitenta que não estamos mais juntos! Não precisa mais se lembrar disso! Podemos tentar ficar juntos agora!

Oswald e Tarsila foram casados em meados dos anos 1920, quando eram o principal casal do movimento modernista, sendo chamados de “Tarsiwald” por Mário de Andrade. O romance terminou quando Oswald se separou da pintora, para se casar com a jornalista Patrícia Galvão, conhecida como Pagu, que era amiga do casal.

— Eu me lembrarei eternamente disso! —Tarsila gritou, batendo o pé no chão e apontando o dedo para o Oswald. — E lembrarei que foi você o culpado de tudo!

—Eu o culpado? —Oswald indagou surpreso ao escutar aquilo — Eu só havia dito que tinha acabado e que estava apaixonado por outra!

—Apaixonado? —Tarsila perguntou, elevando mais o seu tom de voz — Você estava me traindo e ainda por cima com uma das nossas amigas!

—Mas a gente não pode controlar as coisas que o coração faz, minha querida. — Disse Oswald, num tom calmo.

Tarsila suspirou, cruzou os braços e revirou os olhos.

— Você não acha que ele é um grande idiota, Mário? — Indagou ela ao amigo escritor. — E um grande egocêntrico?

Mário olhou para Oswald e riu. Tinha de concordar com a amiga, aquele homem era mesmo egocêntrico. Às vezes quando estavam juntos ou até mesmo separados, em qualquer lugar que fosse, Oswald conseguiria capturar a atenção de todos através de uma história, uma ideia ou uma piada maldosa — e fora por esse tipo de coisa que os dois escritores romperam a amizade, no começo dos anos 1930 e acabaram passando o resto de suas vidas amargurados, bravos e ressentidos. Mário morreu em 1943 e Oswald em 1954, o cemitério os uniu, por estarem sepultados na rua 17, enfim há trinta anos se acertaram e voltaram a ser amigos.

— É, meu caro, ela tem total razão. — Respondeu Mário, ainda rindo daquela típica briga dos dois, que acontecia quase todos os dias naquele mesmo horário.

— Pelo menos alguém percebe quem tem razão. — Respondeu Tarsila, olhando para o cemitério. Ela se aproximou de Mário e beijou sua bochecha. — Até mais tarde meu amigo. — E depois se virou para Oswald. — Para você nem digo nada, você não merece.

A artista plástica se virou e seguiu andando para o lado oeste onde estava sepultada. Os dois escritores ficaram contemplando a volta dela, vendo os raios de sol indo de encontro ao seu vestido.

— Ajude-me a levantar. — Disse Mário, estendendo a mão para o amigo e a segurou ajudando ele a erguer-se. O escritor magro e alto limpou seu terno cinza e arrumou seus óculos, enquanto o outro mais roliço ajustou seu terno preto.

Tornaram a caminhar em silêncio, observando os poucos vizinhos voltarem para seus túmulos, quando Mário puxou assunto novamente.

— Sabe, durante um passeio eu imaginei uma história para um livro.

— E como seria? – Indagou Oswald, demonstrando uma certa curiosidade.

— Seriam pequenas histórias sobre as pessoas que vêm nos visitar. — Respondeu

Mário. – Sobre estudantes, curiosos e pessoas que trabalham aqui, um pouco dessa

“Paulicéia” que está mais desvairada ainda.

— Parece interessante. – Respondeu Oswald, atentando ainda mais ao projeto. — Podemos até colocar alguns poemas, ficaria mais interessante ainda. — Os dois caminharam e pararam na rua que cruza a rua 17. – Podemos fazer isso juntos, se quiser.

— Até que é uma boa ideia. — Respondeu Mário sorrindo. Os dois se abraçaram. — Tenha um bom dia, Oswald. Tenho certeza que nessa noite, Tarsila se acerta com você.

— Tomara mesmo. — Disse Oswald rindo. — Se não tenho a eternidade pela frente.

Oswald virou e seguiu para seu jazigo de número dezessete, quando parou e voltou-se para Mário, que começava a caminhar em direção ao seu jazigo cujo o número dois, e gritou: — Sabia que

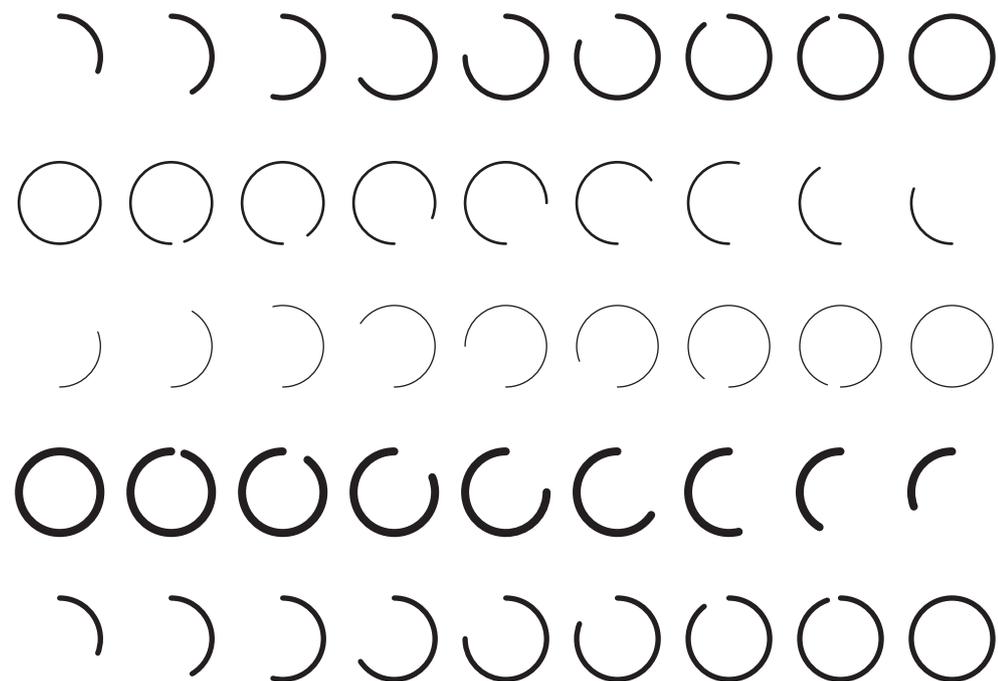
esse ano faz 100 anos que nos conhecemos? Foi o Conde Matarazzo que me contou! Deixaram um jornal na porta do mausoléu e ele nos viu!

— Isso prova que ainda somos famosos! — Respondeu Mário, sorrindo para o amigo.

Os dois acenaram um para um outro e entraram em seus túmulos. Poucos minutos depois, o cemitério abriu e começou a receber seus vários visitantes, muitos curiosos inclusive, para saber onde estavam sepultados os dois escritores que mudaram a cara de São Paulo e da literatura. Mas mal sabiam esses que quando o cemitério fechava suas portas, seus moradores se levantavam e curtiam a noite. E naquela nova noite, Mário ajudaria Oswald mais uma vez a conquistar Tarsila, antes de roubarem algumas folhas de papel sulfite e canetas da administração do cemitério para escrever o novo livro.

COLCHA DE RETALHOS

PEDRO HENRIQUE PAULINO DOS SANTOS



Agora precisaria daquela força como nunca antes. Os passos estavam mais cansados e vagarosos. Exercitava-se muito pouco quando jovem, mas não trocava as rodas de jogos na praça do bairro antigo da cidade de Ambrósia. Até o nome do lugar relacionava o cenário. Falava de casebres e lamparinas empoeiradas e paredes com tons terrosos da cor das rodas dos tratores, que levavam consigo a possibilidade de progresso que demorava a chegar por ali. A venda do seu Carvalho era o mais longe que conseguia ir. Lutava agora contra as indagações entre uma lembrança e outra que o deixavam encabulado. A cidadela tinha cheiro de mato. Sim. Um dos poucos lugares com o aroma da simplicidade e redenção própria de seus moradores. Uma população anciã, mas de uma jovialidade inigualável. No entanto seu Carlos era diferente. Ficava diferente. Estava sempre a viajar por terras distantes da região. Trocava algumas peças durante as partidas de dominó e teimava dizer que assim era seu jogo. Eram eles quem não entendiam as estratégias. Por vezes encarnava algum personagem. Provavelmente vindo de um passado bem distante, de uma história não contada da infância. Naquele lugar encontrava a liberdade que aprisionava quem por ele mantinha sinceros sentimentos. Os anos corridos de um humor um tanto peculiar lhe garantiram alguns inimigos, mas estes agora não faziam mais sentido algum. Qualquer birra ou mágoa se perdera entre as bulas dos remédios marcados num papel repleto de horários para medicação. Os gritos da neta correndo pela casa, principalmente depois que a mulher o deixou eram quase abafados pelo som de uma mente que gritava, mas parecia saber exatamente o que estava fazendo. Quem era aquele homem de meia-idade que o chamava de pai todas as manhãs e queria dar-lhe de comer? Não havia de ser alguém bom. Era preferível jogar o comprimido fora. Queria ele matar-me? Quem sabe? Seu Carlos não sabia. Aliás, deixava de saber a respeito de uma porção de coisas que nunca poderiam ficar

para trás. O carinho e luta sem igual durante uma vida inteira de trabalho lhe tinham consumido o tempo com os filhos. Isso não poderia ser recuperado. Talvez fosse essa uma nova chance de falar em nome de alguém. O desconhecido. Que não se reconhece. Que troca os temperos e alimentos na busca por querer ajudar, ser útil, que faz aquela confusão no jantar de família simplesmente por não saber fazer parte dela. Que quer estar presente ao máximo, mas não lembra por onde começar. Aquele que dá vexame quando não faz a menor ideia de sobre quem você fala. Aquele que, por ser tão presente, não tem noção da falta que faz.

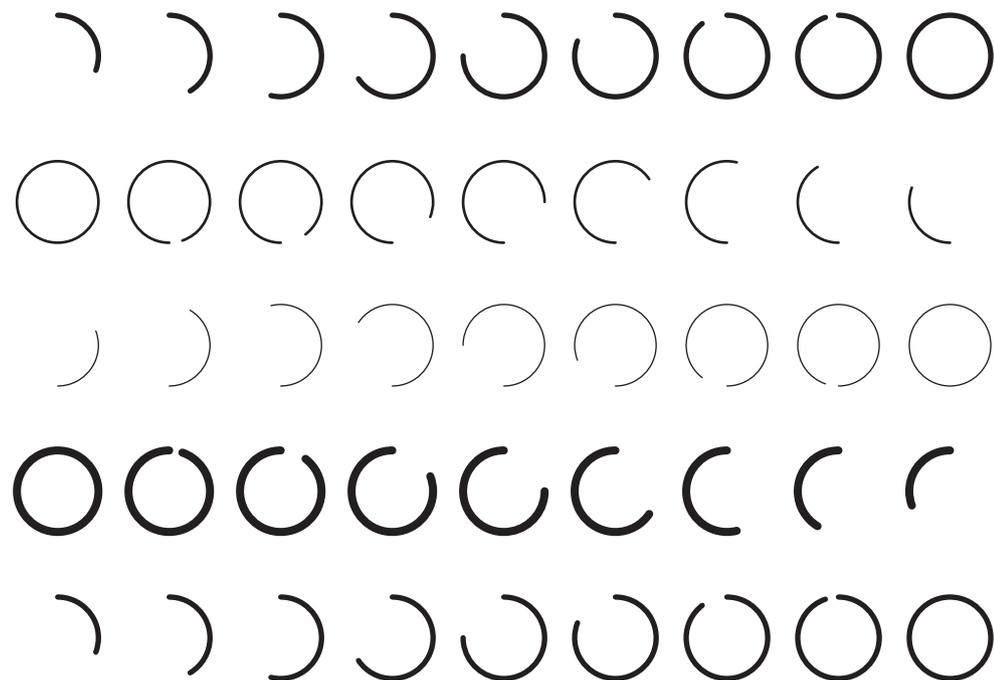
Seu Carlinhos, para os íntimos, era seu segundo e quem sabe, inexistente nome. Preenchia carteirinhas de convênio caro, com reajustes constantes. Vinha na receita do remédio para a memória. Na chamada descompromissada dos colegas de banco da praça. Sem qualquer preocupação sua expressão era aliviada. Não trazia suor dos dias longos de trabalho na lavoura ou na tentativa de passar na hora certa na porta do colégio para buscar o filho em tempo.

A mulher o deixara num dia nublado, cheio de umidade e melancolia. Uma morte tranquila. Não parecia ser aquele por quem se apaixonara há alguns anos. Sua família descobrira a doença do esquecimento, muito antes descrita pelo psiquiatra alemão, Alois Alzheimer. Ele estava frágil e ganhava debilidade com o tempo. Aparentava ter perdido a vontade de enxergar a leveza de um cuidado sem cobranças. Um intenso cuidado. Daqueles que passam pela vida da gente sem que a gente perceba. Aqueles que sentimos quando perdemos. Da roupa lavada em cima da cama, na beira do colchão, do copo de café quente de manhã. Aqueles que aprendemos a dar simplesmente porque nossas mães ou pães, se assim queiram chamar, nos deram. E sempre sem pedir nada em troca. Que ganharam silêncio naquela discussão estúpida por querer sair e não poder. Por levar o casaco mesmo quando o sol brilha lá fora.

Descobriram ali, sentados em volta da mesa, que essa forma de esquecimento era cruel, pois amargurava sem dizer uma palavra. As memórias mais distantes vinham à tona. Mostravam jovens questionadores e rebeldes. Traziam os gritos dos pais chamando para o jantar. A espera incansável pelo presente de natal. O latido do cachorro do lado de fora. A tabuada estudada todos os dias com o pai que agora sabia apenas sobre histórias das quais não era personagem.

MEMÓRIAS HOMEOPÁTICAS

REGIANE PAVANELLO



Como é difícil apagar certas lembranças, que insistem em ocupar espaços da nossa memória. O pior, e o que mais me incomoda, que normalmente são aquelas que lutamos para apagar.

Os bons momentos que tive não são fortes, o suficiente, para apagar os cheiros, lugares, cores e até mesmo sonhos, que aqui posso chamá-los de pesadelos.

As imagens que, contra a minha vontade, guardo na memória são rerepresentadas como filmes de terror, nos quais, raramente, tenho a opção de não assistir.

Recentemente recebi uma mensagem, via rede social, que foi o suficiente para que, naquela noite, o sonho recomeçasse. No texto, o homem que se diz meu pai, pedia um ponto final.

“Oi... tenho vontade de conversar com vc... vc não acha que tá na hora de acabar com essa picuinha? Querendo ou não é minha filha.”

Como colocar um ponto final em algo que ainda é tão latente?

A mensagem foi a gota d'água para sonhar com aquela sexta-feira, de 1986, quando voltava para casa com minha mãe. Na época descia-se pela porta da frente dos coletivos urbanos. Já eram por volta das nove horas da noite. Como a maioria das crianças, eu sentava no banco mais alto, ao lado da janela, no canto direito do automóvel. Duas paradas antes de descermos vi — até então com alegria — o fusca verde do meu pai, que acompanhava o ônibus, logo avisei a minha mãe.

Parece que estou vendo sua fisionomia e desespero. Pegando bolsas e mochilas que carregávamos, me segurando firme e olhando para todos os lados.

Não pode ser! Que que ele tá fazendo aqui? (pensou alto) Motorista, pelo amor de Deus, o senhor pode parar fora do ponto pra mim?

Não! Infelizmente não posso, tem um fiscal aqui dentro hoje.

Filha, não solta a minha mão por nada nesse mundo e em casa explico tudo.

Quem dera minha mãe tivesse tempo de me explicar. Quando descemos daquele transporte público meu pai já me separou da minha mãe e a sufocou com uma chave de braço - mais conhecida como gravata - colocando a gente no seu fusca verde.

No banco da frente estava ele, ao volante, mais um homem ao seu lado e sua atual esposa no banco de trás, mantendo minha mãe presa.

Lembro que levantei, me pendurei no encosto do banco do motorista e tentei entender tudo aquilo.

Papai, por que está fazendo isso com a mamãe?

Após dar um soco em minha cabeça, finalizou dizendo que não era meu pai e para que eu ficasse quieta.

Durante todo o trajeto as agressões não cessaram. Os sons presentes naquele carro ecoam, sem meu aval, em meus pensamentos. Todos gritavam. Ele xingava minha mãe e falava que ela ia se arrepender do que havia feito. Seu colega sintonizava a melhor estação do rádio, portátil, que carregava. Sua esposa gritava para que aquela criança calasse a boca enquanto expressava seu ódio pela agredida.

Chegamos em uma casa de portão de ferro branco - típico dos anos oitenta - com lanças na parte superior e entrada de garagem. A porta da casa era pelo lado direito e no centro da parede, a janela da sala. Passamos pela sala de estar e de jantar, entrando diretamente na cozinha. Bem pertinente àquela época, a cozinha tinha uma copa e no fundo a pia, fogão e geladeira. As cadeiras eram azuis e giratórias. Foi nessa cadeira que meu pai amarrou minha mãe. Nela destilava toda sua raiva de formas bem variadas.

Eu? Infelizmente assistia a tudo. Testemunhei cada golpe feito com um taco de baseball nas pernas e costas daquela que, até hoje, nunca levantou a mão para mim. Ouvi cada palavra de ódio proferida por aquele homem. Vi de perto dos socos que modificaram a fisionomia de minha mãe. Acompanhei, como em câmera lenta, os

cortes feitos à faca. Até hoje, quando acordo de um pesadelo, coloco as mãos nos ouvidos buscando, em vão, não ouvir o choro da mulher que me deu à luz.

Depois de cansar, desamarrou minha mãe e nos deixou sair de lá. Minha progenitora mal conseguia ficar em pé. Na tentativa de sair daquele lugar, peguei-a de qualquer jeito, visto que, só tinha cinco anos de idade. Até hoje não sei como voltamos para casa.

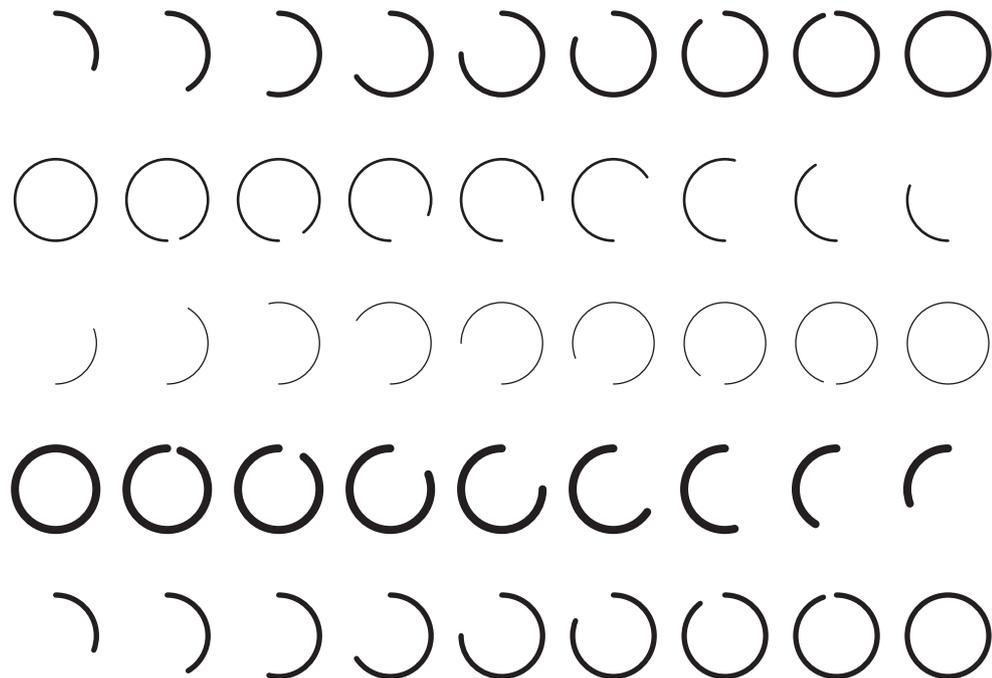
Pelo menos três vezes no ano sonho com essa “picuinha”. Como se, recordar dessa cena, me fizesse mais forte, humana e menos impulsiva e agressiva. É como uma dose homeopática de fortificante emocional. Mas não posso acreditar que 31 anos depois, aquele homem tenha algo de útil para me falar.

Cada vez que sinto cheiro de graxa me lembro de tudo isso — o pai do meu irmão era mecânico —, além de, cada vez que vejo o buraco que minha mãe tem na cabeça me recordo de cada instante — minha mãe teve que tirar parte de um tumor cerebral, devido as pancadas que levou.

Somente quando completei a maioridade soube que ele havia feito tudo aquilo porque havia perdido a guarda do meu irmão. Sim! A briga era pela guarda do meu irmão, visto que, para ele eu não era sua filha.

A BARBÁRIE NA ERA TOUCH

RAFAEL KOSONISCS



O mundo tem mudado a passos largos. Parece que foi ontem que as mulheres queimaram o sutiã, que o muro de Berlim foi derrubado, que a internet foi disponibilizada e que o papa deixou de ser João — queísmo é o que não falta para dar exemplos de tantas mudanças. Na tecnologia e ciência, então, nem se fala. Vejo a cada semana algo revolucionário surgindo. E já não consigo mais acompanhar os avanços *internéticos*, tampouco saber o que está rolando de novidade mundo afora.

Mas espere, amigo leitor, nem tudo é mudança. Há algo que permanece idêntico desde a era medieval: nossa conduta ética, ainda enraizada nos tempos de barbárie: guerras, terrorismo, corrupção, lutas por poder, irresponsabilidade, intolerância, julgamentos, radicalismo, violência extrema. Só alguns exemplos para mostrar que vivo — e que você também vive — num mundo paradoxal: de um lado, o avanço abrupto do conhecimento. De outro, a moralidade ainda em tempos pré-históricos. Uma contradição perigosa. Motivo? A tecnologia agiganta a estupidez humana.

De uma maneira até extremista, posso começar falando das redes sociais, plataformas admiráveis para dividir ideias, pensamentos, projetos. Mas não, acabou dando voz aos loucos e reprimindo os criativos. Se tornou um meio de desavenças, ódio, mentiras. Que decepção!

A insensatez não é só virtual, não. Dias atrás, li uma notícia sobre a manipulação genética, onde alguns cientistas estão criando seres jamais vistos, quebrando com o código de ética da profissão em favor de testes bizarros. Depois da leitura, porém, o que retive foi uma sensação de que nos tornamos cobras com asas. Ora, vivemos, sim, um momento em que nossas atitudes já não atingem mais os vizinhos, mas a todos.

O exemplo mais recente é o da Coreia do Norte, um país que resolveu se mostrar ao mundo apresentando seu poder bélico como

se estivesse despertado de uma hibernação. Sei que elas, as guerras, mudam o mundo. A história nos diz isso. Elas elegem novos heróis e criam novos vilões. Sempre foi assim. Mas esse roteiro já não cabe mais neste mundo, tendo em vista que a maioria das potências possui armas de destruição em massa, capazes de destruir países inteiros. Fiquemos, por ora, na expectativa.

Pensando bem, uma coisa é certa: continuo confiando na ética, ela é a única bússola do momento, mas o mundo precisa urgentemente se decidir: voltamos para as cavernas ou crescemos de maneira inteligente? Evoluir pela metade já não dá mais.

Aconteceu em março de 2017, numa sexta feira de muito sol brilhando no céu. Ia para o trabalho, de manhã e, enfrentando o trânsito, quase caótico de São Paulo, aquele famoso, anda e para, anda e para, em uma fila interminável de carros, foi quando, ao ganhar a ponte João Dias, me deparei com uma cena tocante.

Morando embaixo dessa ponte, vi três pessoas que, conclui, seriam uma família. Isto porque toda a cena se desenrolava exatamente igual àquela que acontece nos mais variados lares do Brasil e quiçá do mundo.

A mulher, que pensei a mãe, esquelada, com um vestido imundo, grande, dois ou três números maior, varria o chão empregado pela fuligem dos caminhões, carros e ônibus, enquanto o rapaz, nos seus 30 anos, de aparência suja também, barbudo e um tanto cabeludo tentava acender fogo para cozinhar um macarrão que vi ao lado daquele fogão improvisado, um amontoado de pedaços de madeira, papel e sei lá mais o que. Ao mesmo tempo, um garotinho de quatro anos, imagino, brincava com dois carrinhos sem roda, sentado no chão.

Confesso que me emocionei porque percebi que a dinâmica, os hábitos e costumes de todos os seres humanos, assim como suas necessidades, independente da classe social, nível cultural ou condições de saúde, são as mesmas.

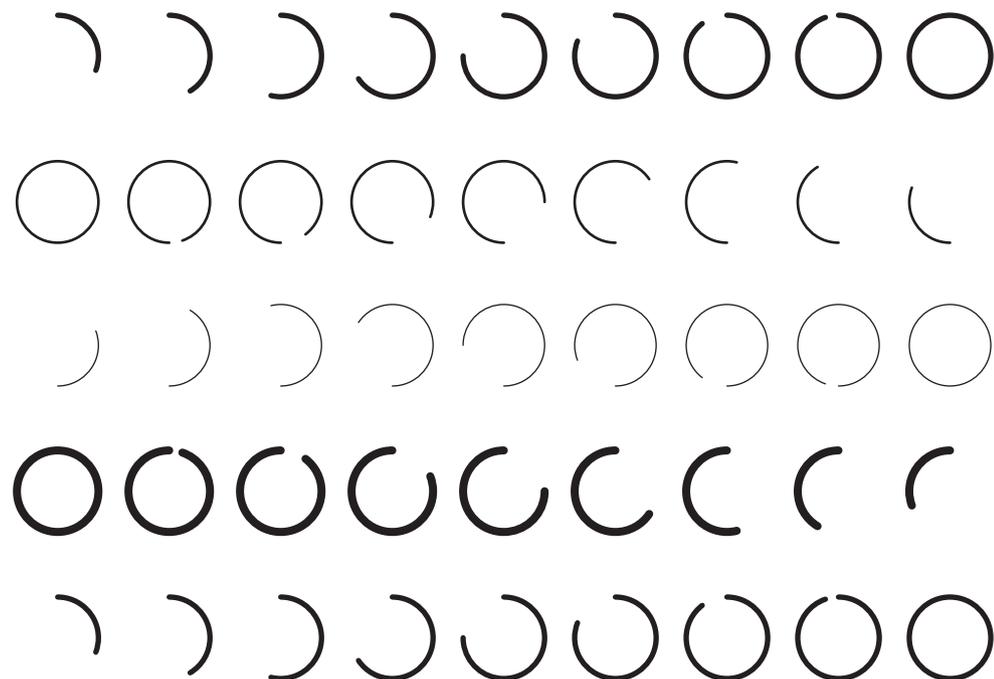
Os direitos também deveriam ser iguais. Uma vida digna, saúde, acesso à educação, moradia decente, enfim o básico deveria estar ao alcance de todo e qualquer ser humano.

Fiquei parada ali, na longa fila de carros analisando o comportamento daquela família e sua capacidade de imaginar, de um espaço insalubre, sujo e a vista de todos, sua casa e, quem sabe, sonhando com uma casa de verdade com paredes, teto e móveis para viver dignamente.

Um problema social que insistimos em não ver.

VESTÍGIOS DE AMOR

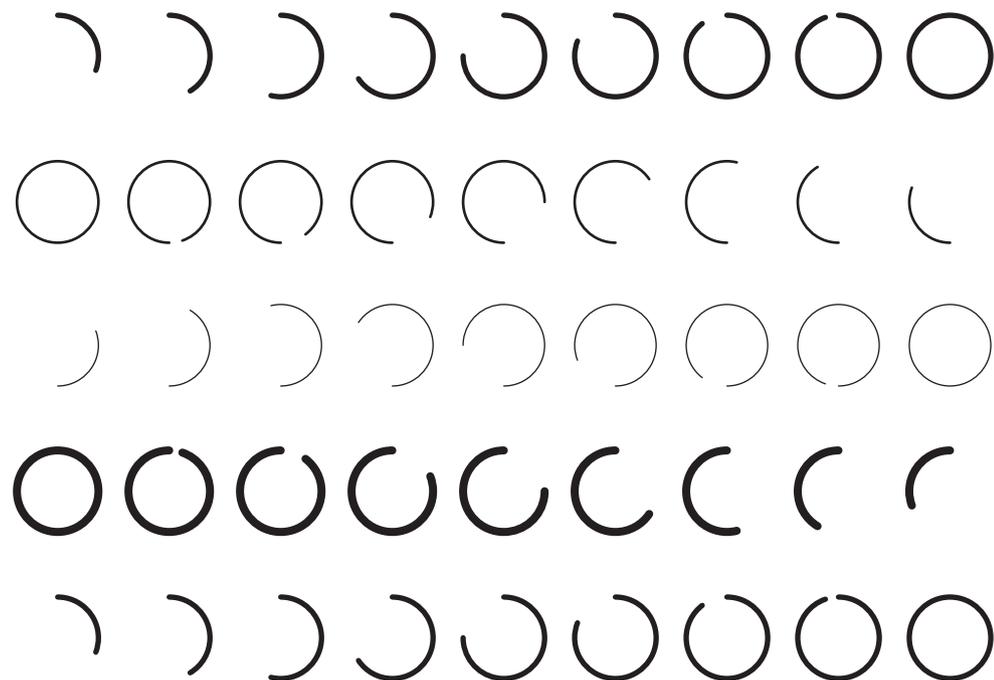
KAIQUE BAZANTE GONÇALVES



Por quê? Porque sofrer tanto e se amargurar, já passou! O frio não vai mais te atingir. Essa maré forte, ela vai passar e quando deitar a cabeça no travesseiro os ventos gélidos terão passado. O fogo ardente não poderá lhe tocar mais, a névoa escura... Ah, essa névoa de lembranças, sentidos e sentimentos – risos – como eu queria me livrar dela, que me esbofeteia a face todas as manhãs! Que tenta me submergir em lágrimas e estilhaçar ainda mais as migalhas que eu insisto em chamar de coração. E por falar nele, vale lembrar os espinhos que o cercam, que todas as vezes que ele bate mais forte, os espinhos que o protegem e guardam, são os mesmos que dilaceram o músculo e o fazem escorrer no mais vívido sangue em vermelho carmesim. No meio dessa dor, todos os órgãos entram em campo, os olhos que ameaçaram reacender o brilho, agora dão lugar aos tons arroxeados e ávidos. Da alma, vêm os sopros mais aterrorizantes e diáfanos, junto com a personificação de um único mal. O passado. Triste seria lembrá-lo, difícil seria esquecê-lo... Amargura é ter que carregá-lo para todos os lados. No meio dessa balbúrdia corporal, ainda existe o motivo o qual sufoca o sono, que acusa de cometer sempre os mesmos erros, a advogada do Diabo que antes de algo acontecer, já avista com antecedência a decepção iminente. Contudo há uma esperança! A Alice àqueles que acreditam em magia, resultado certo para os cientificistas, milagre para os religiosos... Mas há aqueles que acreditam que o único nome possível para ela, seja amor! Que em meio às concupiscências da loucura, faz florescer a primavera onde outrora foi inverno e transforma aquelas migalhas na rosa mais bela do jardim.

UMA POR TODAS E TODAS POR UMA

CAROLINE FERNANDES SANTOS



A caminho de casa, numa quinta-feira, fazia cinco horas que o sol tinha se posto. O termômetro na capital paulistana marcava 17.º graus e o céu anunciava chuva - clima perfeito para apreciar um chocolate quente debaixo das cobertas - mas minha jornada de volta ao lar estava apenas começando. Depois de pegar dois metrô, subo no ônibus só pensando em descansar. Chegar. Nada indicava que aquele fim de dia me traria surpresas.

Enquanto aguardava que o motorista desse a partida e pisasse no acelerador, pela janela do ônibus noto uma moça jovem de cabelos avermelhados, andando apressadamente até o transporte, que parecia ser a salvação de algo ou alguém. Seu olhar era de espanto e, nessa corrida até o 'refúgio', papéis que estavam sob dois livros caem pelo caminho, porém ela não retorna para pegá-los.

Ofegante a moça sobe no ônibus que, finalmente, deixa o ponto, sentando-se no banco à frente do meu. Ao perceber os olhos marejados da jovem, duas passageiras que estavam sentadas na fileira da direita, se aproximam dela:

— Com licença. Aconteceu alguma coisa?

Ela então, passa as mãos no rosto e após uma pausa seguida de um suspiro, responde com voz alterada e trêmula:

— Um cara estava me seguindo— Me assediando! Estou cansada disso...

Nesse instante, antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, um homem, movido de sabedoria sobre essas situações, se dirigiu a todos os presentes afirmando:

— Ah, mas isso é normal! Ainda mais a essa hora. Ninguém manda sair por aí sozinha.

As três moças olham para ele e se seguraram para não gerar um debate. Agora, todos no ônibus estavam focados na história. E elas, e eu, éramos as únicas mulheres ali.

Ao contrário do que muitos esperavam, nenhuma delas responde ao comentarista indesejado, mas seguem conversando entre si. Compartilhando com a moça aborrecida casos semelhantes que vivenciaram. Então, em poucos minutos elas se reconheceram umas nas outras. E descobrem — acredito que não por coincidência — estavam indo para o mesmo lugar.

Com um semblante alegre, elas se viram para mim perguntando: — E você para onde vai? Vamos juntas?

Infelizmente, minha rota era diferente. Eu desceria do ônibus no próximo ponto. Então, apenas agradei o convite, conversei com as três rapidamente e apertei o botão para solicitação de parada. Me despedi e antes de deixar o ônibus pedi para cuidarem uma das outras. Com firmeza uma delas me respondeu:

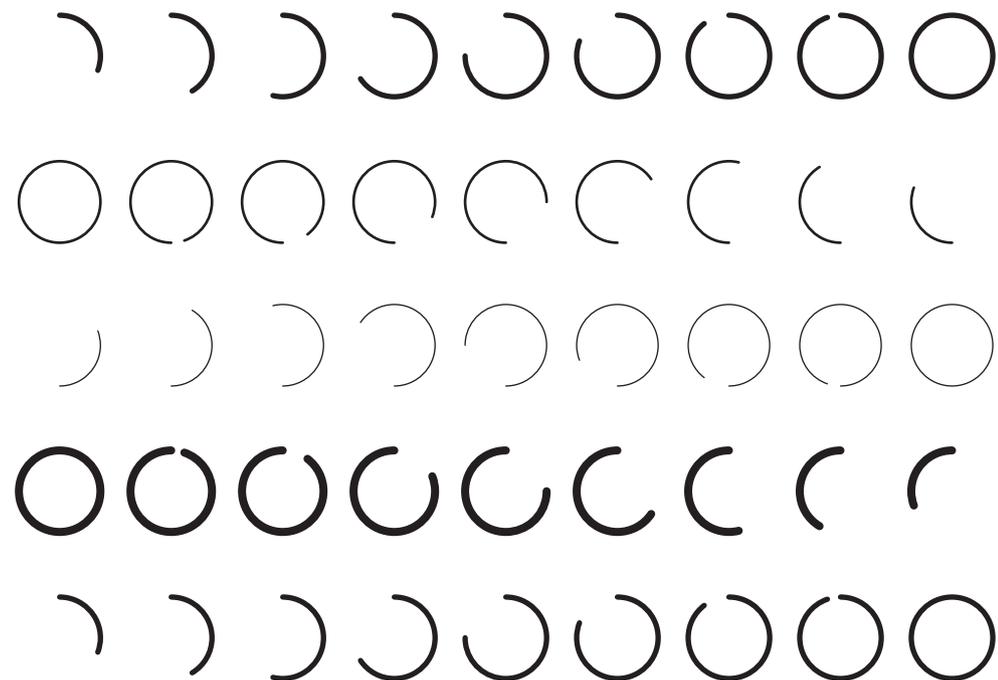
— Pode deixar! Afinal nesta sociedade onde tanta violência está sendo tolerada, o mínimo que podemos fazer é ser uma por todas e todas por uma.

Elas então seguiram no percurso e eu saí dali refletindo sobre tudo o que aconteceu. Não me disseram seus nomes, eu também esqueci de perguntar. Dificilmente as verei de novo, mas o importante é que estavam indo para casa e agora, faltava apenas alguns metros até minha.

A rua estava vazia. Eu estava sozinha. Logo, por precaução, caminhei de forma ligeira, olhei uma, duas, três vezes para trás. Abri o portão. Cheguei. Só espero, sinceramente, que elas também tenham chegado.

UNIFORMES **INVISÍVEIS**

DEISE LUCI SOUTO DANTAS



No vai e vem da cidade de São Paulo, os trabalhadores ou , assim como eu, os que buscam trabalho, transitam perdidos em seus pensamentos e aflições diárias. Dentro desta realidade, as percepções em notar pequenos detalhes, com vrá vrá das vassouras dos trabalhadores uniformizados ou, aquela mão que oferece o papel toalha para enxugá-las, não se faz presente.

Eu reparei nisso, quando em minhas andanças, fui ao banheiro do metrô Faria Lima. Encontrei concentrada em seu trabalho uma moça, que timidamente me dirigiu um olhar e um singelo sorriso e eu prontamente respondi: Boa Tarde! Aquele gesto, fez daquele sorriso maior e mais iluminado, é como se ele me falasse: Obrigada, você me percebeu!

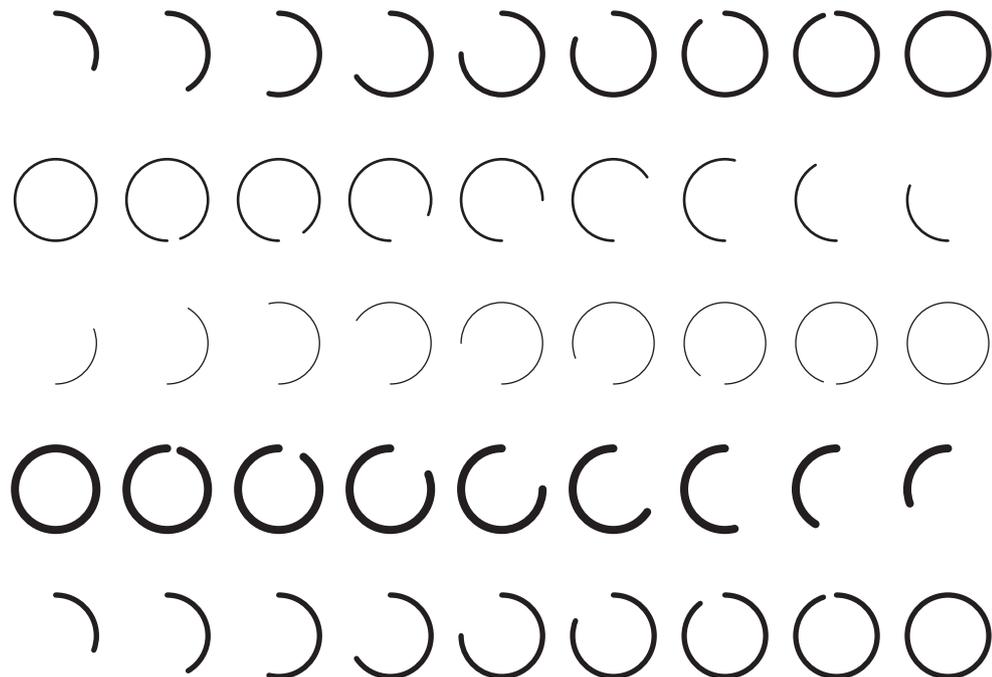
Depois deste episódio, vi o quando estava insensível em não perceber as pessoas que estão por trás daqueles uniformes. Me trouxe a seguinte reflexão: Por quantas vezes, colocando a culpa na pressa ou, com o pensamento longe, como costumam dizer que não usei dos princípios básicos da educação e desejei um bom dia ou boa noite para alguém?

Mergulhei em estado de *mea culpa*, e vi o quanto fui mal educada em variadas situações. Aquela moça me ensinou naquele dia, que seu trabalho não é menor do que de um médico, advogado ou de um jornalista. Ela representou os diversos prestadores de serviços, intitulados como mão de obra, mas de extrema importância.

Após aquele dia, me sinto na obrigação de ser cordial e sempre que possível conto esta história para inspirar a todos meus amigos em fazerem o mesmo. Vivemos em uma sociedade em que 30 horas já não são o suficiente para fazermos nossos afazeres, mas por experiência própria: ah, como me senti bem em quebrar as minhas barreiras da insensibilidade!

CHICO

BÁRBARA OLIVEIRA PERES



Vermelho. As paredes, o chão e o teto. Tudo esteticamente combinado numa paleta de cores bordô que muito agradava a Chico. Não foi ele quem decorou a casa, ela já estava assim quando chegou sua hora de bater na porta, sendo obrigado a se esgueirar para aquele ambiente abafado e um pouco sufocante. Felizmente, Chico só passa por ela uma vez por mês. E, ah, ele sempre é notado. Não que ele tenha atributos físicos dignos de atenção, mas é impossível ignorá-lo. Nem mesmo a mais resolvida das mulheres é capaz de simplesmente fingir que ele não está logo ali, bem à espreita. Esse é o poder de Chico: nunca passar despercebido.

Na maioria das vezes, ele se mostra agitado, empurra e chuta tudo o que vê pela frente e, aparentemente, não carrega um motivo para suas birras. Digamos que maturidade não é muito seu forte, como podemos perceber. Chico segura em suas mãos uma barra de ferro com a ponta bem afiada e quando as paredes parecem a ponto de engoli-lo, ele as cutuca com sua única arma. Elas se retraem, sangram em resposta, mas Chico não é um sádico, não ri ao perceber que causou mal a sua própria casa, seria ingratidão. Mas poxa vida, ele também carecia de espaço. Se as paredes parassem de insistir em ameaçá-lo, talvez ele fosse mais sossegado.

Chico é mal interpretado pelo simples fato de existir. Nem mesmo é permitido falar sobre ele. Chico é nojento, é feio. O destino tratou de ser muito irônico: seu poder é nunca passar despercebido, mas é preciso fingir que ele não existe. Pobre, Chico. Sempre a perturbar, nunca a agregar. Tão mal interpretado...

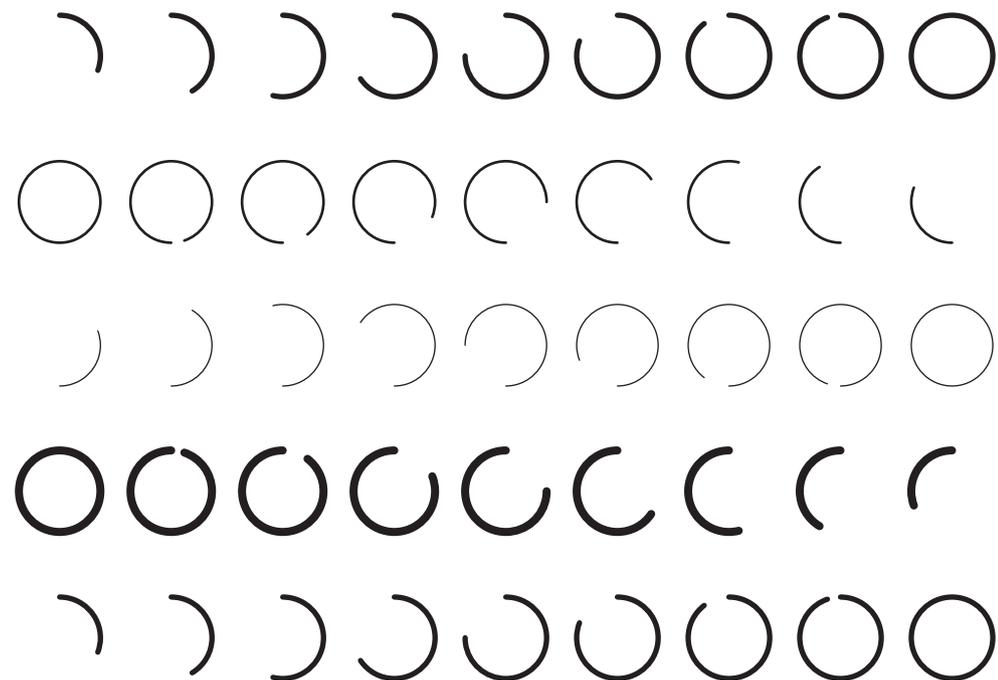
Sua vida é curta. Às vezes só dura três dias, com sorte consegue viver por uma semana. Quanto mais próximo da morte, mais fraco. Chico, entretanto, luta para ficar. Quando percebe que seu tempo está se esgotando, que até mesmo ele está submetido à morte – mesmo que temporária – ele luta para sobreviver. Faz sua birra mais uma vez, cutuca as paredes acolchoadas e se afoga no sangue

que delas jorra. Tosse vermelho, respira fundo e aceita que chegou sua hora de partir.

Chico morre. Perde o ar e solta um último suspiro marrom. Acabou, foi embora. Sua partida é tão notada quanto sua chegada, mas é claro, não se pode falar sobre isso. Um segredo não secreto. É nojento, lembra? Pobre, Chico. Tchau. Até o próximo mês.

A FAIXA **AMARELA**

MIREIA LIMA



Mais uma semana se inicia na capital paulistana e assim como nas outras, nada mudou. Em meio à multidão, aquela distração corriqueira de quem faz o mesmo percurso há anos, afinal, é segunda-feira e o botão do automático foi acionado.

Olhos distraídos, alguns percorrem as telas de seus *smartphones*, outros procuram alguma novidade que chame atenção. São 10h da manhã, acabamos de chegar na estação da Sé.

Algo diferente aconteceu nesta madrugada, olhares curiosos tentam entender o quê, mas o tempo é curto demais para parar e observar, é preciso chegar a tempo no trabalho.

Mesmo com a pressa, o ritmo dos passos diminui na saída da estação. O tempo quase desacelerou, os olhares que antes estavam presos ao mundo virtual, agora estão presos a uma cena. A faixa amarela.

Ela percorre um quadrado ao lado de fora da estação, na escadaria. No perímetro protegido há luvas cirúrgicas usadas, muito sangue e alguns pedaços de papéis que serviram para sugar os rastros de existência.

Assassinato? Briga? Não se tem notícias. Em tom de descaso, uma voz ao fundo comenta: - Deve ter sido algum morador de rua. E logo os passos passaram a acelerar, a cena foi ficando cada vez mais distante. Só o que restou daquele dia foi o questionamento. O que será que aconteceu ali? Será que a pessoa está bem? Espero que sim.

Já é sexta-feira, e diferente do começo da semana, algo mudou. Sim, também foi o fato de ser véspera do tão esperado final de semana. É possível ver até a energia das pessoas aumentando, afinal, o botão acionado toda segunda foi desligado.

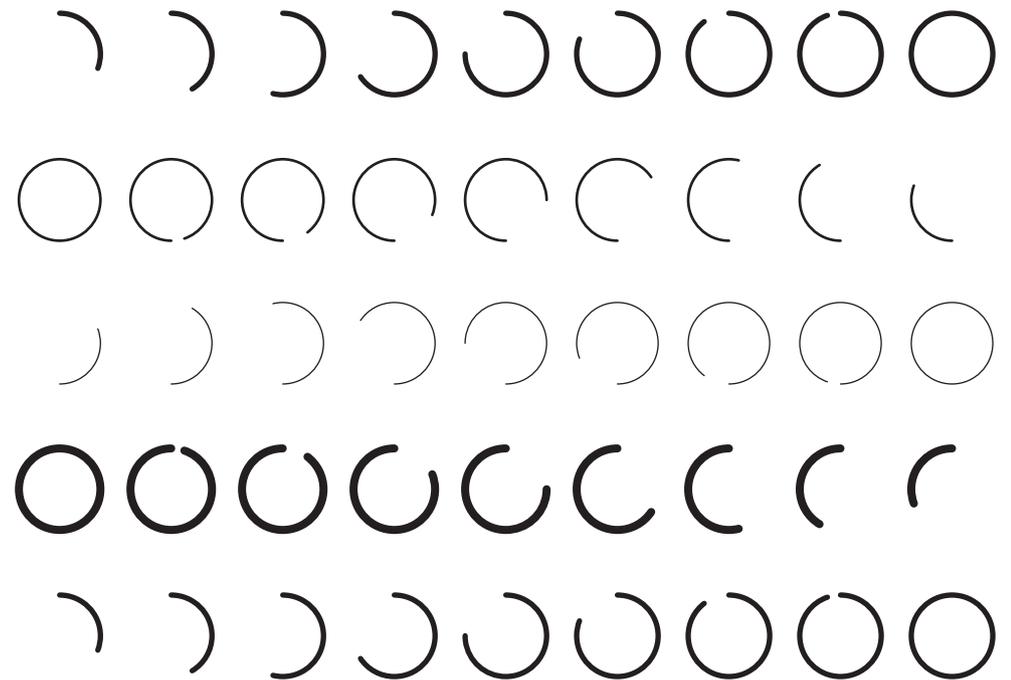
A cena que antes chamou tanta atenção, hoje passou despercebida, os dias passaram, até que ninguém mais parou para olhar. O sol está caindo, de fundo se ouve o soar dos sinos da igreja da

Sé, avisando que já são 18h. Muita movimentação, é perceptível o barulho dos passos apressados percorrendo os arredores da igreja.

A faixa sumiu! Logo veio um vazio. Será que alguém se perdeu junto com ela?. A verdade é que não saberemos o que aconteceu, assim como não saberemos de uma grande parcela das tragédias que envolvem a minoria. Ninguém inclinou a cabeça para eles. O dia escureceu, mas ninguém perdeu a tão esperada sexta-feira.

QUEM SOU EU?

JULIANA GONÇALVES DE SOUSA SANTOS



Muitas coisas se passaram pela mente do garoto quando ele chegou em casa arrastado pelo pai que não parava um segundo de gritar. Tentara usar milhões de justificativas para aquilo que tinha acontecido. Falara que estava bêbado, que tinha sido um desafio dos veteranos, que tinha sido o amigo a se atirar nele e beijá-lo... Mas não importava o que ele falasse. O pai, que também era o diretor do colégio e pegara os dois embaixo da escada, não aceitava sequer a possibilidade do filho ser gay.

“O que aconteceu com o meu filho? Você era capitão do time de futebol, um ás em física, até mês passado tinha te visto com uma garota! Onde foi que eu errei? Quem é você e o que fez com meu filho?”

Aquelas palavras, seguidas das surras, foram o suficiente para o garoto perceber que nunca mais veria os olhos do pai marejados de orgulho nas próximas olimpíadas de física.

Depois de alguns minutos rendendo hematomas e uma boca com gosto de sangue, a mãe apareceu implorando para que seu marido parasse. Aquela brecha foi o suficiente para ele se levantar e correr para o banheiro trancando a porta atrás de si.

Muitas coisas passaram pela sua cabeça naquela noite, inclusive a alternativa que a banheira e o atraente canivete amolado ofereciam.

Por que era tão importante que ele fosse hétero? Aquele instante embaixo da escada não tinha sido o primeiro... Não, ele já sabia há muito tempo que era assim.

Por que tudo dependia de por quem ele se sentia atraído? Isso nunca tinha interferido em seus estudos ou na pontuação do seu QI.

Será que ele, como pessoa, seria somente reduzido a uma coisa? Por que era diferente quando os outros não sabiam? Por que o aluno nota dez, filho do diretor, foi reduzido a um aspecto de seu ser?

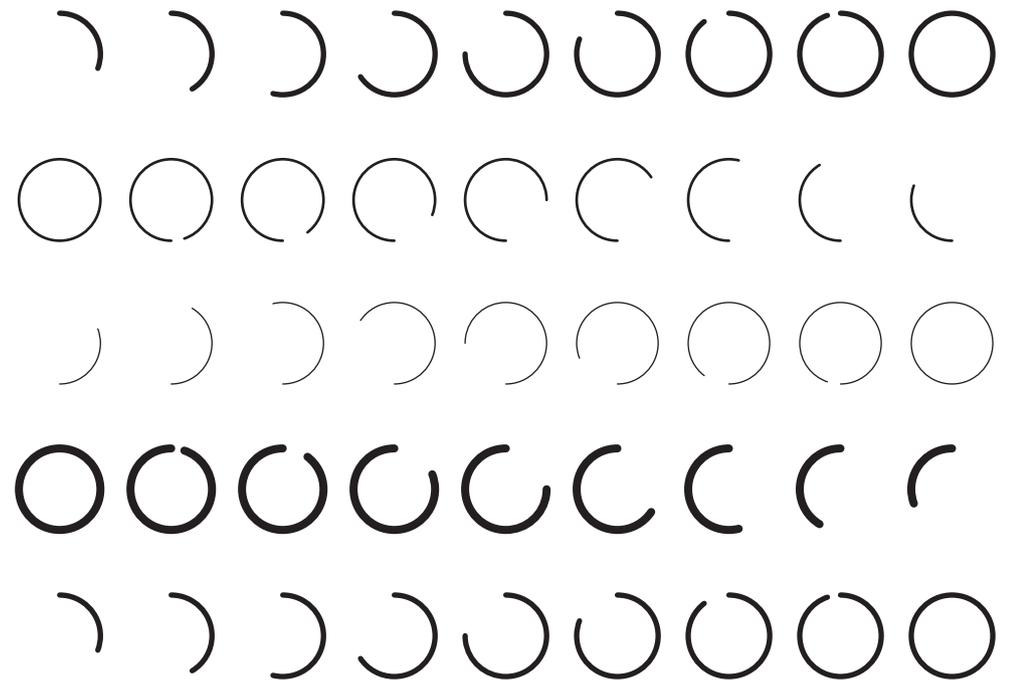
“Quem sou eu?”, perguntava-se enquanto olhava o reflexo no espelho. As memórias de alguns anos começaram a brotar. A pri-

meira vez que se apaixonou, mas não por uma garota, quando tirou o primeiro lugar nas olimpíadas de física, quando ajudou o time a chegar na final do campeonato inter escolar, quando o melhor amigo e primeiro amante foi morto por um grupo homofóbico...

“Quem sou eu?” Sua identidade era de quem? De alguém que se reprimiu por anos para não ser julgado? De alguém que nasceu em uma família tradicional? Sua identidade seria resumida a quem ele ama? Ao que ele fez? A quem perdeu? Ao que viu? Aos seus sonhos? Ao que ele poderia se tornar? Ou somente ao que as outras pessoas escolhiam ver?

PARA
CARLOS

ANA BEATRIZ FELÍCIO



Eu estava fumando meu cigarro hoje de manhã, quando o rosto de Carlos me veio à mente. Havia tido um dia chato, quando nos conhecemos e uma noite incrível, com amigos e bastante cerveja. Já era tarde e a minha cabeça girava um pouco, mesmo com as parcas luzes do vão livre.

Seus olhos eram alarmantes quando encontraram os meus pela primeira vez. “Ninguém repara em mim. Estava fazendo uma apresentação para aqueles filhos da puta ali do lado e ninguém notou, ninguém nunca nota”. Lhe ofereci um Mallboro, era só o que dispunha no momento. “Se eu me jogasse daqui de cima, ninguém iria reparar mesmo”, falava entre uma tragada e outra.

Era só um menino. Depois me contou que tinha 16 anos. Morava na rua. Mais um número nas estatísticas. Drogas e brigas com a mãe o deixaram ali. “Eu nem quero falar da minha mãe. Ela só me atrapalhou a vida toda. O que faria se soubesse que estou aqui? Absolutamente nada”.

Compreendi, *Criolo*. São Paulo é um buquê. Buquês são flores mortas, que já não servem mais. Bonitas na superfície, mas inúteis. Eu e essa minha mania de sempre tentar fugir da realidade: a música, a arte, o álcool. Mas é inevitável, ela sempre me atinge como uma bola de canhão.

Na noite em que conheci Carlos, você estava comigo e acho que isso tornou as coisas mais cinematográficas na minha cabeça. Nos olhamos enquanto o menino contava sua história. Eu te abracei e escutei as batidas do seu coração. Nós entendíamos. Entendíamos que éramos muito pequenos, numa cidade gigante e que por mais que repetisse pro garoto que “iria ficar tudo bem”, ele ainda iria dormir na rua enquanto nós voltaríamos para casa e reclamaríamos de ter que ir trabalhar amanhã, como sempre fazemos.

No final, Carlos se apresentou pra nós. Mostrou que possuía uma rapidez incrível com as mãos usando um nunchaku. Ninguém

havia lhe ensinado aquilo. Ele aprendera sozinho. Sozinho também como se criou, como aprendeu a morar na rua, se é que isso alguém aprende, as pessoas só se acostumam.

Eu juro que pude vislumbrar um vestígio de orgulho nos olhos do menino enquanto dizíamos que ele realmente era bom. Será que alguém já tinha reparado nisso?

Quantos Carlos invisíveis de 16 anos estão apenas esperando alguém os notar? E quantas pessoas vivem suas rotinas e fogem para bares, simplesmente por não quererem notá-los?

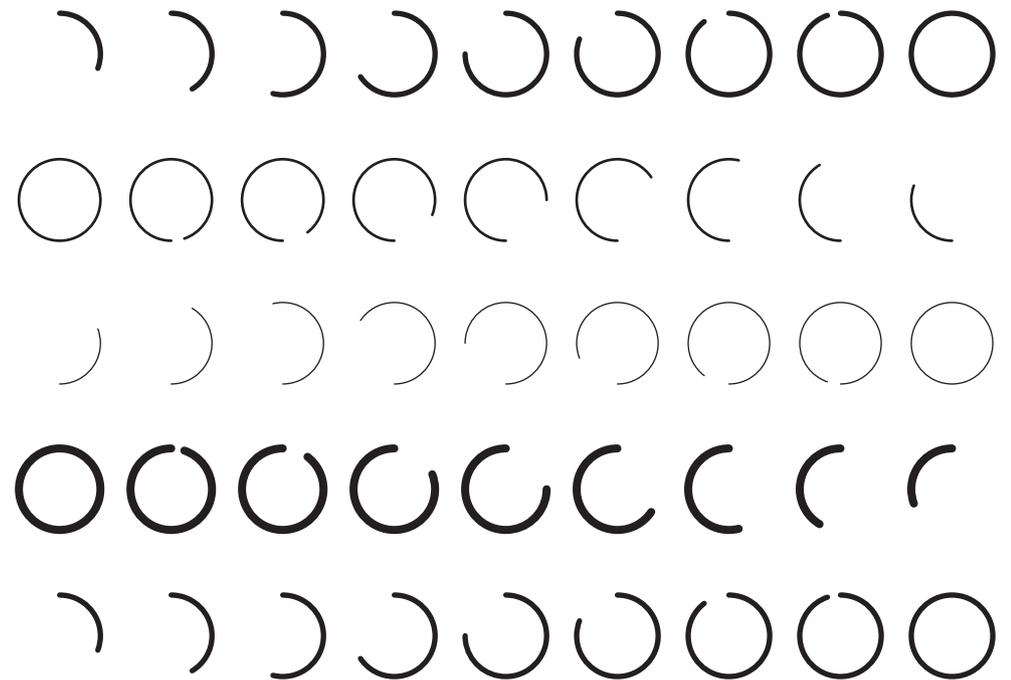
Batemos palmas quando o garoto terminou. Era só um menino, no final das contas. E a gente achando que sabe muito da vida. Ele se despediu e foi embora. Nós também fomos.

E agora, todas as vezes que passo pelo MASP, o procuro em meio aos rostos de quem vive por lá. Mas nunca mais o vi. Será que ele se lembraria de mim? Creio que não. Mas prometi a mim mesma que nunca esqueceria aquela noite fria em que Carlos nos conheceu. Afinal de contas, nós o notamos. E não fizemos nada. Não podíamos fazer nada. Diante disso, resolvi contar sua história e guardá-la comigo para que nunca ignore as injustiças diárias as quais tantos Carlos são submetidos.

O cigarro já acabou faz tempo, mas ainda sinto um gosto amargo na boca que talvez não passe.

INVERNÍCIO

DANIEL CARREIRO Z. DA COSTA



Duas da manhã. Céu negro.

— Ai como me dói! – gritava a mulher embaixo do MASP (as artes taparam seus ouvidos).

Estação de metrô Trianon vazia... Silêncio.

Solidão. Seu nome é Maria, o dele... João.

João era mudo, doente. Doente de tristeza. Seu pai matou sua mãe no sul de Pernambuco. João veio para São Paulo novinho de tudo, tentar a sorte... Pois é, tentar a sorte.

Maria e João se abraçaram numa quentura que a fez sentir saudade de não sabe o quê, nem se sabe onde. Sentiu uma saudade, uma falta (do que nunca teve)... Amor.

João abraçou Maria num abraço de amor. Os dois conversaram entre olhares, compartilhando tristezas.

— Vamos tomar um banho meu velho – convidou Maria.

— Vamos sim, minha deusa! — os olhos do companheiro responderam.

Maria e João, cisnes negros embaixo do MASP bebendo água suja (a que tinha), tomando banho de chuva (que Deus deu), comendo sobras de McLanche Feliz com recheio de tristeza (meio amargo). Lágrimas de chorume. A coleta seletiva cuidara de levar seus sentimentos.

Maria não é flor, nem na primavera. As flores cheiram bem. As flores são cuidadas. João passou no cemitério sabe-se lá para fazer o quê e trouxe uma rosa. Maria cortou seu dedo num espinho (chorou de dor e gratidão).

Verão... Chinelo de dedo surrado. Maria coçando a cabeça desajeitada (pedindo ajuda), rindo sozinha. João catador (caçador) de latinhas, trêmulo pela idade, mudo de tudo. Asfalto quente.

Mais um dia (Sol no rosto). Maria acordou nua como uma árvore no outono morno. João em sua capa de lixo preto virou herói (Batman). Folhas de jornal amontoado para aquecer as noites.

Solidão... Vão do MASP vazio. João e Maria entre tijolos de papelão. Calor do corpo áspero numa noite de inverno. Mãos hidratadas pela poeira das ruas.

Maria sorriu e agradeceu Painho pelo seu companheiro (ajoeitada). Lágrimas congeladas

em 13 graus paulistas. Os vidros gemiam de frio enquanto o casal sonhava.

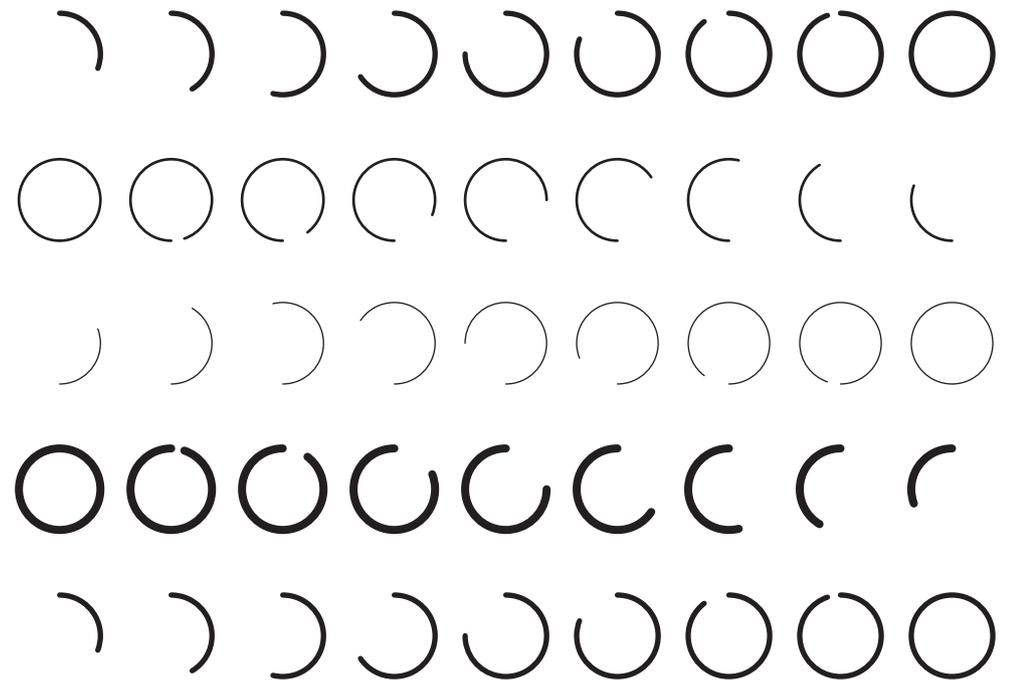
03h17 da madrugada. O nada, no escuro, pediu passagem. Dois homens sem rosto, vestindo querosene, fósforo e ódio. Junho é mês de São João.

Vão do MASP iluminado (fogueira santa acesa).

Vão do MASP rubro (e as artes taparam seus olhos).

MUNDO **SATURADO**

EFRAIM ELIAS GOMES DE MORAIS



Que indecência, esse mundo já faz tempo vem clamando, clamando por clemência... Problemas, infelicidade... Dificuldades fazem gente perder a sanidade...

É complicado, é fácil! Felicidade, paz, sucesso se encontram em qualquer espaço! Sem perder o amor próprio, sem perder o juízo ou usar o tal do ópio!

Coisas que te atrapalham, que te tornam dependentes de drogas que matam mais rápido que entorpecentes... Indecisão, aflição, insegurança... Egoísmo, falsidade e coisas que te fazem perder a esperança.

A coisa chega e te cansa, Otimismo, boas decisões e sábias escolhas tornam um mundo com melhores pessoas, outra coisa!

Os seres humanos vêm se tornando substituíveis, acabaram os amores verdadeiros, ficaram só os disponíveis!

Um mundo sem cultura, mostrado na televisão, ele não é um retângulo no teu campo de visão... Da tua sala não se vê aquela imensidão de planeta, a novela só muda o elenco e parece que vês com uma luneta.

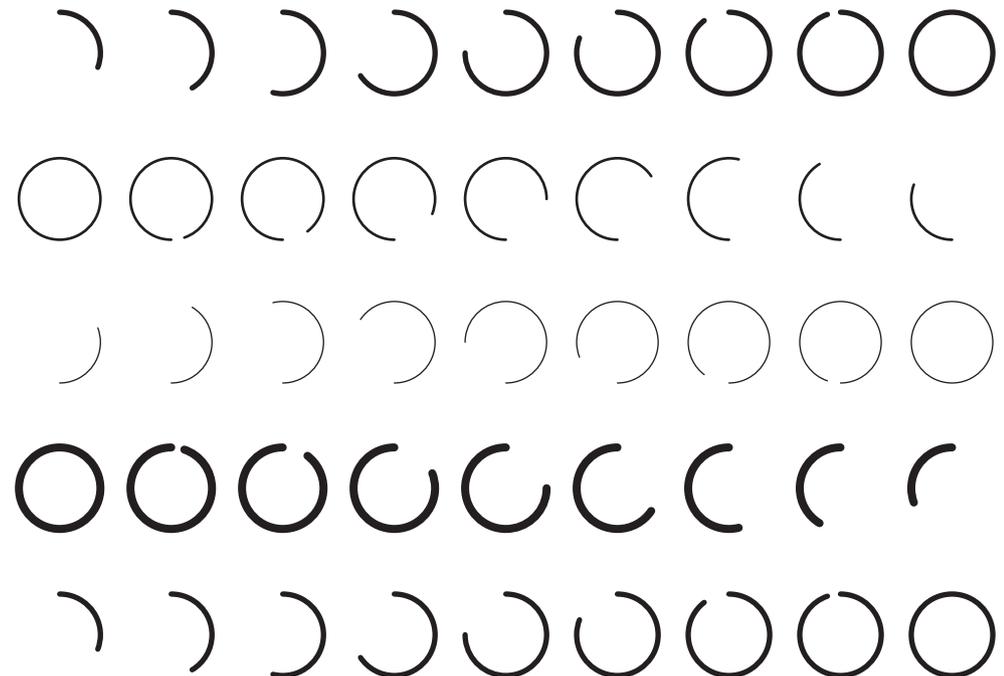
São tantos amigos sucumbindo ao desprezo, perdendo sentido da vida e de seus companheiros, trocando amores como se troca calça... Sociedade invertendo valores, andando descalça, correndo na rua do medo, passo a passo na desgraça... Tem fé em ti e no teu potencial... Em tua vida ninguém interfere, és próprio general.

Do mundo melhor que se faz, és arquiteto. Planeje a casa que construirás e não deixes cair o teto!

A tua vida não pode ser impedida por nada! Progresso, otimismo, sorrisos devem ser vistos da mais alta sacada!

FILHOS DA PERDIÇÃO

JOSÉ CELSO DA SILVA FILHO



Podemos resumir nossas vidas como um conjunto de erros e acertos, os quais vão direcionando cada novo passo a ser tomado, assim se formou meu caminho. Me chamo Aurora, nascida no interior da Alemanha em 1925 e não posso dizer que tive uma vida de regalias, pois perdi meus pais logo quando criança e me vi obrigada a sobreviver em um pequeno e esquecido depósito de crianças órfãs.

Ao completar meus 18 anos, fui imediatamente encaminhada para os campos de concentração, estávamos vivendo uma das épocas mais tristes da história, mas, mesmo sabendo das desolações ocorridas, dentro de mim me sentia segura, pois era uma cidadã alemã. Dentro dessas concentrações, meu trabalho era de preparar os alimentos para os soldados que trabalhavam por todo o dia. E por algumas vezes, preparava grandes banquetes junto com as outras cozinheiras, quando seu líder se reunia para debater novos ataques ou simplesmente regozijar-se das conquistas realizadas.

Todos os dias éramos constantemente observadas em nosso trabalho, mas um dos soldados me observava com um olhar diferente, até que em um determinado dia, logo após encontros e desencontros anteriores, me perguntou se queria me assentar junto com ele para o banquete, imediatamente consenti, até que ao pegar a bandeja, num ato de ignorância ele a derrubou de minhas mãos, exclamando em alta voz se eu estava na minha sã consciência em me assentar junto com ele e os outros soldados à mesa. Naquele momento, não sei explicar bem meus sentimentos, apenas de sentir uma terrível vergonha em ter todos os olhares voltados para mim, voltei para a cozinha segurando o pranto e, no mesmo instante, ouvi uma grande voz bradando para que eu voltasse, me surpreendi, pois era o principal general da concentração onde trabalhávamos que me chamara, e ao me aproximar de sua mesa, me convidou para me assentar junto com ele e mais alguns que estavam em seu redor, não expressei nenhuma reação, mas ao ordenar

novamente, não tive escolha. Ao me assentar, ele foi aproximando de mim a principal refeição e pediu para que eu fosse a primeira a experimentá-la, comecei a suar frio e não segurei minhas mãos trêmulas e a forte palpitação no meu peito. Imediatamente todos os homens se levantaram e, como se estivessem levando um lixo, me levaram e me fizeram prisioneira do outro lado do muro, junto com as outras mulheres.

Por mais que eu fosse registrada como cidadã alemã, meus pais eram judeus e, antes de morrerem, me ensinaram grandes lições sobre minha real origem e que não poderia de maneira alguma comer aquela carne de porco que me ofereceram. Fui descoberta, graças à atitude ríspida daquele que pensei gostar de mim, que me colocou em evidência para todos.

No momento da prisão vi em seus olhos um olhar de arrependimento, que não me subiu ao coração, ao contrário, um ódio e um pânico terrível.

Estava agora vivendo junto com outras prisioneiras, recebi uma espécie de roupão, com o número 258, convivendo com outras 26 mulheres que se amontoavam em simples beliches dentro de uma pequena sala, estávamos na ala feminina 47 da região sul.

Todos os dias o soldado que derrubou a bandeja de minhas mãos, fazia questão de ser o responsável em nos levar para o banho de sol diário, para me ver e de alguma forma pedir perdão pelo acontecido, evitava o contato direto com seus olhos, não permitindo que em mim surgisse uma crise de fúria que poderia me trazer más consequências. Depois de alguns dias de sofrimento devido a nova adaptação, comecei a sentir grandes enjoos e fortes dores na cabeça, até que uma das mulheres com quem fiz uma espécie de amizade, me deu a inesperada notícia, estava grávida. Minha reação de desespero se misturava com a angústia das outras mulheres em meu redor, pois era expressamente proibido

do manter uma prisioneira grávida e muito menos nascer alguma criança dentro dos pavilhões.

Via-me, agora, prestes a ser exterminada, pois só podia estar grávida de quem me deixou em evidência, em um de nossos encontros secretos. Encontros esses descobertos por seus colegas soldados, os quais, debochando do fato de se relacionar com uma trabalhadora do regime, o incentivaram a fazer aquele teste com a bandeja, provando assim sua fidelidade, pois não era do meu consentimento na época, mas ele já estava reservado a uma das filhas do comandante, devido à relação entre suas famílias.

Contra a minha vontade, minha colega de prisão, discretamente em um de nossos banhos de sol, contou ao soldado pai da criança sobre a gestação. Por sorte, o soldado por peso na consciência, providenciou que eu fosse poupada desses banhos, ficando isolada na cela.

Consegui esconder a gestação durante esses longos meses de aflição, com a ajuda do soldado e de algumas mulheres dentro da ala, não sabia na época, mas nesse mesmo período o soldado tivera uma filha, a qual nasceu com dificuldade, não sobrevivendo a mãe na hora do parto, ele nunca me contou esses fatos, mas percebia uma tristeza em seu olhar em determinados dias.

Até que em uma noite fria, depois de um dia intenso de contrações, nasce meu filho, com dificuldade, mas com a ajuda das outras mulheres, conseguimos fazer com que o bebê nascesse vivo. Tentamos ao máximo abafar seu choro dentro da cela, mas de fato pode ser ouvido por algum guarda que fazia a vigilância noturna e, depois de alguns minutos, para minha surpresa entra o soldado, pai da criança, que imediatamente a pega de meus braços e sai com o recém-nascido entre os panos em suas mãos. Me desesperei na hora, mas mal sabia que ele estava tentando esconder o menino antes da vinda dos outros soldados, pois já estavam sabendo do nascimento de uma crian-

ça nas alas femininas. Ao correr com o nosso filho nas mãos, ele foi alvo de outros soldados que o renderam ali mesmo, não sobrevivendo, nem ele nem o que estava em seus braços. Por longos dias fiquei esperando alguma notícia, sem obter retorno algum.

Já era abril de 1945, a guerra havia terminado e fui uma das únicas sobreviventes dos campos de concentração. Sem amparo algum, consegui me restabelecer no local onde nasci, visitando quase que diariamente orfanatos próximos ao antigo campo onde fiquei, até que um dia especial, fiquei sabendo que existia uma criança órfã de filha de comandante e de um pai soldado, seu nome era Aurora, dentro de mim, não podia conter a forte emoção, pois sabia que aquela era a criança que estava à procura e por ser uma menina, por algum motivo a registrou com o mesmo nome que o meu.

Naquela época não era de dificuldade adotar uma criança, no mesmo momento consegui sua guarda e a cuidei como se fosse minha filha, para me fazer lembrar dos momentos que passei e da esperança ainda existente, dentre erros e acertos, erros esses que podem resultar em mudanças irreversíveis, onde cabe a cada um, fazer com que se tornem algo positivo ou negativo. Contudo ela foi para mim uma filha legítima, uma prova de recomeço, a minha filha da perdição.

Esta coletânea, selecionada a partir de textos escritos pelos alunos das Faculdades Integradas Rio Branco, segue a tradição (sim, terceira vez já merece o vocábulo tradição) de narrativas envolventes, pluralidade de temas e inconformismo com as nuances da vida. Sinal dos tempos, uma linha condutora perpassa todos os contos: a combinação de sentimentos de perplexidade, de angústia, de amargura e de tristeza com a nossa existência. Sem dúvida, esta é a edição que mais expõe o expurgo das mazelas humanas, a expiação das culpas e a exposição dos sofrimentos compensatórios. Também é a que menos acena com utópicos desfechos, com acertos no final, com mudanças das águas da melancolia para os vinhos de inatingíveis euforias. Como foram desenvolvidos temas livres, como os autores não tiveram contato entre si quando escreviam e como o único contato entre eles é o da juventude de todas as idades de quem escreve, imagina-se que estamos vivenciando, não o “amor em tempos de cólera” mas a inquietude em tempos de desesperança”. Quando os contos são bem escritos como os deste pequeno livro, inquietude e desesperança se nos apresentam como estados preparatórios de outras emoções e sentimentos que deles fatalmente emergirão.

Quem sabe na quarta coletânea

Edman Altheman

Diretor Geral das Faculdades Integradas Rio Branco

